



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

MÁRCIO CÉSAR ROCHA SOUSA

**SEMANA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA AVALIAÇÃO DA
IMPORTÂNCIA E DOS RESULTADOS**

FORTALEZA – CEARÁ

2021

MÁRCIO CÉSAR ROCHA SOUSA

SEMANA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA AVALIAÇÃO DA
IMPORTÂNCIA E DOS RESULTADOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Administração. Área de concentração: Gestão e estudos organizacionais

Orientador: Prof. Dr. Jerffeson Teixeira de Souza.

FORTALEZA – CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Sousa, Marcio Cesar Rocha.

Semana nacional de educação financeira: uma avaliação da importância e dos resultados [recurso eletrônico] / Marcio Cesar Rocha Sousa. - 2021.
78 f. : il.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) -
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Programa de Pós-graduação Em Administração - Mestrado, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Jefferson Teixeira de Souza.

Coorientação: Prof^a. Pós-Dra. Veronica Lidia Penalzo Fuentes.

1. Educação financeira. 2. Conhecimento Financeiro. 3. Semana ENEF. I. Título.

MÁRCIO CÉSAR ROCHA SOUSA

SEMANA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA AVALIAÇÃO DA
IMPORTÂNCIA E DOS RESULTADOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Administração. Área de concentração: Gestão e estudos organizacionais

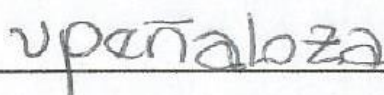
Aprovado em: 6 de abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA



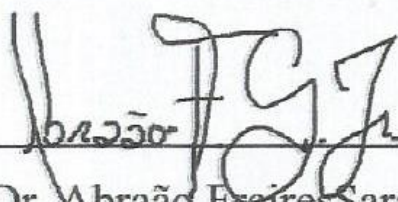
Prof. Dr. Jerffeson Teixeira de Souza (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Pós-Dra. Verónica Lidia Peñaloza Fuentes (Coorientadora)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Abraão Freires Saraiva Junior

Universidade Federal do Ceará – UFC

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter dado saúde pra mim e minha família em um momento tão difícil.

À minha família, por sempre mostrar o valor da educação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jerffeson Teixeira de Souza, pelo ensinamento, compromisso e confiança.

À minha coorientadora, Prof. Dra. Verónica Peñaloza, pelos ensinamentos durante toda minha formação.

Ao membro da banca, Prof. Dr. Abraão Freires Saraiva Junior, pela disponibilidade e contribuições feitas ao trabalho.

À minha companheira, Leilane Freitas, por todo o apoio e auxílio desde minha decisão de enfrentar essa formação.

A todos os entrevistados que acreditaram no potencial do trabalho e compartilharam um pouco do seu conhecimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro durante esse processo de formação.

A todos os meus colegas de mestrado que compartilharam dificuldades e, principalmente aprendizados durante esses dois anos.

À Universidade Estadual do Ceará, por ser minha principal formadora desde 2013.

RESUMO

O número de programas de educação financeira vem crescendo nas últimas décadas. A intuição altamente difundida de que a educação financeira faça com que os cidadãos tomem melhores decisões, fez com que governos e instituições não governamentais criassem programas de intervenção para seus cidadãos. Entretanto, programas de educação financeira não tem sua eficácia garantida. Além disso, muitos programas carecem de avaliação mais profunda, um deles é a Semana Nacional de Educação Financeira – Semana ENEF. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é avaliar a importância e os resultados do programa de educação financeira: Semana ENEF. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, classificando-se como um estudo de caso. Como método de coleta foram utilizados: I) análise documental e II) entrevistas semiestruturadas em profundidade com facilitadores do evento. Os dados coletados em documentos foram analisados de forma exploratória e descritiva. As informações obtidas em entrevistas foram analisadas sobre a ótica da análise de conteúdo. Como resultados de pesquisa, constatou-se que a Semana ENEF é um programa de educação financeira positivo para a sociedade, sendo importante instrumento para aumento da visibilidade do tema. Apesar disso, devido à natureza do evento ser de curto prazo, é apontado que os impactos na gestão financeira pessoal de participantes são limitados. O evento também apresenta pontos que precisam ser trabalhados com o objetivo de se tornar mais eficaz e efetivo, como principalmente a divulgação do evento. Como conclusão, compreende-se que a Semana ENEF é importante instrumento para política de educação financeira nacional, contribuindo para naturalizar o tema e democratizar o acesso às informações financeiras.

Palavras-chaves: Educação financeira. Conhecimento Financeiro. Semana ENEF.

ABSTRACT

The number of financial education programs has been growing in recent decades. The widespread intuition that financial education makes citizens make better decisions, has prompted governments and non-governmental institutions to create intervention programs for their citizens. However, financial education programs are not guaranteed to be effective. Many programs need further evaluation, one of which is Semana Nacional de Educação Financeira – Semana ENEF. Thus, the objective of this work is to evaluate the results of the financial education program: Semana ENEF. Methodologically, a qualitative research was carried out, classifying it as a case study. As collection method, I used: I) document analysis and II) in-depth interview semi-structured with event's facilitators. The data collected in documents were analyzed in an exploratory and descriptive manner. Information obtained in interviews was analyzed from the perspective of content analysis. As research results, it was found that the Semana ENEF is a positive financial education program for a society, being an important tool to increase the visibility of the theme. Despite this, due to the nature of the event being short-term, it is pointed out that the acts in the personal financial management of participants are limited. The event also presents points that need to be worked on with the objective of becoming more effective and effective, such as the promotion of the event. In conclusion, it is understood that the Semana ENEF is an important instrument for national financial education policy, contributing to naturalize the theme and democratize access to financial information.

Keywords: Financial education. Financial Knowledge. Semana ENEF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Processo de formação do comportamento financeiro pessoal.....	21
Figura 2 –	Framework teórico alfabetização financeira segundo OECD.....	22
Figura 3 –	Framework teórico alfabetização financeira.....	23
Figura 4 –	Percentual de estudantes por nível de proficiência em alfabetização financeira.....	27
Figura 5 –	Nº de iniciativas nas semanas ENEF x ANO.....	31
Figura 6 –	Framework de etapas metodológicas.....	35
Figura 7 –	Fatores causadores de problemas financeiros.....	46
Figura 8 –	A importância da Semana ENEF.....	55
Figura 9 –	Pontos positivos da descentralização do evento.....	59
Figura 10 –	Pontos a melhorar do evento.....	61
Figura 11 –	Riscos da descentralização do evento.....	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definição de educação financeira.....	19
Quadro 2 - Boas práticas para programas de educação financeira.....	25
Quadro 3 - Responsáveis, público participante e nº de iniciativas.....	32
Quadro 4 - Profissão dos entrevistados.....	39
Quadro 5 - Análise de boas práticas observadas.....	70

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Contextualização.....	11
1.2	Justificativa.....	12
1.3	Objetivos.....	13
1.4	Estrutura.....	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	Educação financeira.....	15
2.1.1	Importância da educação financeira.....	16
2.1.2	Definições de educação financeira e alfabetização financeira.....	18
2.2	Avaliações de programas de educação financeira.....	23
2.2.1	Políticas de educação financeira no Brasil e no Mundo.....	26
2.2.2	Semana ENEF.....	31
2.2.3	Aspectos relevantes para avaliação de uma política pública.....	32
3	METODOLOGIA.....	34
3.1	Coleta e análise dos dados.....	35
3.2	Campo de pesquisa.....	38
3.3	Sujeitos de pesquisa.....	38
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
4.1	Análise documental.....	40
4.2	Análise das entrevistas.....	41
4.2.1	Apresentação dos entrevistados.....	41
4.2.2	Antecedentes aos problemas financeiros.....	46
4.2.3	A importância da educação financeira e motivação dos facilitadores.....	49
4.2.4	A Semana ENEF 2020.....	53
4.2.5	A importância da Semana ENEF.....	55
4.2.6	O formato descentralizado do evento.....	59
4.2.7	Avaliação crítica do evento.....	61
4.3	Convergência dos resultados.....	66
4.3.1	Avaliação da Semana ENEF.....	68
5	CONCLUSÃO.....	71
	REFERÊNCIAS.....	73

APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FACILITADORES.....	78
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

Iniciativas que visam a educação financeira dos indivíduos vêm crescendo nas últimas décadas, sejam da iniciativa privada ou sejam da iniciativa pública. A educação financeira é um tema cada vez mais relevante para os cidadãos de uma nação, pois a priorização da educação financeira pelos países pode ser importante fator para a estabilização dos seus sistemas financeiros, uma vez que pessoas bem educadas financeiramente tendem a tomar decisões mais racionais (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2017).

Boltanski e Chiapello (2009) argumentam que em uma era do capitalismo marcado pela flexibilidade e autonomia, o indivíduo se torna mais responsável por suas próprias decisões, sendo primordial o autogerenciamento por ele. A educação financeira, processo pelo qual o indivíduo desenvolve seus conhecimentos, habilidades e atitudes frente as decisões financeiras que precisa tomar, tem papel que vem ganhando importância neste cenário. Segundo Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019), a educação financeira é capaz de afetar diretamente fatores comportamentais das pessoas, como o ato de comprar compulsivamente, o uso desenfreado de cartões de crédito, a propensão ao endividamento e a inadimplência.

Na literatura que versa sobre a educação financeira, é comum a utilização do termo alfabetização financeira com sinônimo de educação financeira. Contudo, alguns autores diferenciam esse constructo. Para Huston (2010) e *Organisation For Economic Co-Operation And Development* (2013) o processo de educação financeira é um dos fatores que modificam a alfabetização financeira do indivíduo. A OECD (2013) divide o conceito de alfabetização financeira em três pilares: i) numerácia, que diz respeito aos conhecimentos do indivíduo; ii) comportamento, que avalia os hábitos do indivíduo e iii) atitude, que diz respeito a propensão do consumo a curto ou longo prazo. A definição proposta pela OECD é amplamente utilizada como base para estudos a respeito da educação financeira no mundo (DONADIO; CAMPANARIO; RANGEL, 2012; FLORES; CAMPARA; VIEIRA, 2012; KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015; ROBSON; FARQUHAR; HINDLE, 2017).

A literatura também indica pelo menos três aspectos diretamente influenciados pela alfabetização financeira e, por consequência, indiretamente pela educação financeira: i) o endividamento do indivíduo (DONADIO; CAMPANARIO; RANGEL, 2012; FLORES; CAMPARA; VIEIRA, 2012; KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015; ROBSON; FARQUHAR; HINDLE, 2017); ii) a formação da poupança (LUSARDI, 2015; CLARK; LUSARDI;

MITCHELL, 2016) e iii) o acesso a investimentos (ROOIJ; LUSARDI; ALESSIE, 2011; ALMENBERG; DREBER, 2015). Dessa forma, é possível notar o impacto da educação financeira na vida cotidiana dos cidadãos.

No mundo, ações que buscam fortalecer o conhecimento financeiro da população através de programas de educação financeira existem, com maior força, desde a década de 1980. Nos EUA, o tema é abordado diretamente nas escolas e através de ações de seus órgãos governamentais federais (SAVOIA; SAITO, SANTANA, 2007). No Brasil, iniciativas focadas nesse tipo de educação são mais recentes, pois é a partir de 2010, com o fortalecimento das políticas públicas praticadas pelo Governo Federal, que essas ações ganharam maior fôlego.

Dentre as iniciativas de disseminação do conhecimento financeiro no Brasil, Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) citam a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Outro avanço em nosso país é a inclusão do tema em diversos contextos da educação básica através da Base Nacional Comum Curricular, o BNCC, que impõe às escolas a obrigação da abordagem do tema educação financeira, tanto como formação cidadã, como no conteúdo de matemática (BRASIL, 2018).

A ENEF foi instituída a partir do decreto-lei 7.397/2010 como uma política permanente que tem como objetivo promover ações que desenvolvam a educação financeira e previdenciária do cidadão brasileiro (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2019). Uma das iniciativas mais conhecidas é a Semana ENEF, realizada anualmente em todo o Brasil e que vem mostrando crescimento em suas últimas edições, com mais de 14.000 ações realizadas em todo o país, só em 2019.

1.2 Justificativa

Apesar de toda a importância da educação financeira e dos esforços recentes por parte do governo, no último levantamento do *Programme for International Student Assessment* (PISA), realizado em 2015, o Brasil ficou em último lugar, em relação a alfabetização financeira. O Brasil apresentou quase 60% dos estudantes com a pior classificação possível frente a uma média de pouco mais de 20%, dentro dessa classificação, dos demais países participantes (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2018).

Dessa forma, mesmo com o fortalecimento de iniciativas que promovem a educação financeira no país, os resultados da avaliação do nível de alfabetização financeira no Brasil se mostram insuficientes (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND

DEVELOPMENT, 2018). Fernandes, Lynch Jr e Netemayer (2014) explicam que a intuição altamente difundida de que a educação financeira faça com que os cidadãos tomem melhores decisões, fez com que governos e instituições não governamentais criassem programas de intervenção para seus cidadãos.

Apesar dessa visão disseminada, French e McKillop (2016) frisam que os programas de educação financeira precisam entender a realidade do público alvo, sendo necessária abordagens e objetivos diferentes para as necessidades apresentadas por cada sociedade ou comunidade. Assim, os programas de educação financeira não têm sua efetividade garantida, pelo contrário, muitas dessas ações são questionadas em estudos que avaliam seus resultados, por mostrarem algumas inconsistências dessas ações (FRENCH; MCKILLOP, 2016).

Messy e Manticone (2016) identificam que, apesar de haver um número crescente de estudos avaliativos de programas de educação financeira, ainda existe uma maioria de ações e programas não avaliados. O estudo citado ainda explica que mesmo os programas avaliados ainda têm dificuldade de mostrar o impacto alcançado (MESSY; MANTICONE, 2016). A U.S Financial Literacy and Education Commission (2020) alerta que, apesar da importância de pesquisas que busquem avaliar programas de educação financeira, ainda falta metodologia e diretrizes para a avaliação de políticas nesse sentido.

A ENEF e suas ações, como por exemplo a Semana Nacional de Educação Financeira (Semana ENEF), são constantemente citadas em estudos por sua importância para a sociedade brasileira (FLORES; CAMPARA; VIEIRA, 2012; HOFMANN; MORO, 2013; KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015). Mesmo assim, ainda não há estudos que buscam entender e avaliar diretamente os reais resultados dessas ações.

Portanto, esse trabalho se posiciona como um estudo avaliativo, sendo classificado como estudo de caso do tipo intrínseco, que é caracterizado como sendo aquele que tem como relevância o profundo entendimento do objeto, que no caso é o programa Semana ENEF. Além disso, o objeto pode ser considerado uma política pública, razão pela qual se faz necessário o entendimento de estudos semelhantes que buscam a compreensão desse tipo de ação.

1.3 Objetivos

Essa pesquisa foi realizada com o objetivo de avaliar a importância e os resultados do programa de educação financeira: Semana ENEF. Para o alcance do objetivo geral, foi executado um estudo de caso que se justifica pelo desejo de explicar a realidade a

partir da prática observada. Essa modalidade de estudo é amplamente aplicada nas pesquisas de avaliação com o objetivo de julgar a qualidade e relevância dos resultados de ações de natureza social (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2010). Além disso, esse estudo tem os seguintes objetivos específicos:

- a) Mapear as ações promovidas e cadastradas na Semana ENEF 2020;
- b) Entender, a partir da visão dos facilitadores, o funcionamento e os resultados gerados pela Semana ENEF;
- c) Avaliar a Semana ENEF a partir dos dados coletados.

1.4 Estrutura

A presente dissertação está organizada em cinco seções, incluindo a introdução. A segunda seção trata da revisão bibliográfica e disserta a respeito da educação financeira e programas de educação financeira. A terceira seção descreve os passos metodológicos do trabalho em detalhes. A quarta seção disserta a respeito da análise e discussão dos resultados. Por fim, a quinta seção traz a conclusão da pesquisa a partir das análises realizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação financeira

Nas últimas décadas, diversos governos criaram programas de educação financeira uma vez que, para eles, os problemas relacionados as decisões de poupar ou investir são decorrentes da falta de conhecimento financeiro e do mundo atual (GARCIA, 2011). Segundo o autor, os trabalhos que envolvem educação financeira demonstram que existem elementos que vão além da racionalidade esperada, que partem dos mais diversos aspectos psicológicos de cada indivíduo (GARCIA, 2011).

Além disso, o mundo moderno passa por profundas transformações nos modelos de gestão pública e organização das sociedades. Boltanski e Chiapello (2009) alertam que o capitalismo passou a ser movido pela flexibilidade e autonomia, que impõem como única alternativa viável o autogerenciamento por cada indivíduo de sua vida. Essa ideia é evidenciada pela redução de políticas de estado, que protegiam o cidadão dos riscos advindos de suas decisões financeiras, trazendo maior liberdade para os consumidores e causando, para muitos que não estavam preparados, problemas em relação a gestão financeira pessoal (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). A OECD (2020) explica que o cenário financeiro vem se tornando mais complexo, uma vez que os riscos financeiros como os relacionados a desemprego, aposentadorias, custos de serviço básicos estão sendo transferidos dos governos para os indivíduos.

Lusardi e Mitchell (2007) também alertam que as sociedades exigem cada vez mais planejamento dos trabalhadores, uma vez que benefícios e programas de previdência pública sofrem com reduções. Lusardi (2019) argumenta que o aumento da expectativa de vida pressionou os sistemas previdenciários no mundo e, dessa forma, a responsabilidade pela poupança para a aposentadoria vem sendo transferida para os trabalhadores.

Ribeiro e Lara (2016), explicam que, nas últimas décadas, a oferta de crédito passou a alcançar também uma parcela antes excluída, os trabalhadores assalariados. Maman e Rosenhek (2018) explicam que essa nova realidade exige a busca por um ator financeiro que seja capaz de tomar decisões responsáveis, sendo a educação financeira primordial nesse processo. Entender como essas decisões são tomadas e como implantar uma intervenção para que sejam realizadas de forma mais sustentável, é um dos grandes desafios dos planejadores de programas de educação financeira.

A evolução tecnológica é outro grande incentivador da educação financeira. Lusardi (2019) explica que o surgimento das chamadas “fintechs”, empresas da área financeira voltadas para serviços digitais, muda completamente a forma de como as pessoas pagam suas contas, fazem investimentos e buscam consultoria financeira. O entendimento e assimilação dessas tecnologias é um grande desafio, principalmente para as gerações mais antigas que ainda têm certo receio com a realização de operações digitais. Messy e Manticone (2016) explicam que essa nova realidade representa desafios no que diz respeito à regulação e proteção do consumidor financeiro. Para os autores, muitos usuários não tem conhecimento nem confiança para usarem desses serviços (MESSY; MANTICONE, 2016)

Bauman (2001) explica como a organização da sociedade passa pela necessidade de consumo. As pessoas não mais consomem pela utilidade, mas por prazer e pela busca de se conectar com semelhantes. Dessa forma, a identidade do sujeito passa a ser o que ele consome e não o que ela realmente é. A gestão financeira pessoal é, então, um importante aspecto na vida das pessoas que vivem em uma sociedade que a incentiva a consumir e exige que, agora, ela seja capaz de tomar decisões financeiras responsáveis.

2.1.1 Importância da educação financeira

Os benefícios de receber uma boa educação financeira vão desde a menor tendência ao endividamento, até a melhor escolha de investimentos. Segundo Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019), a educação financeira também é capaz de afetar diretamente fatores comportamentais das pessoas, como o ato de comprar compulsivamente, o uso desenfreado de cartões de crédito, a propensão ao endividamento e a inadimplência.

Segundo Lusardi e Mitchell (2014), pessoas que recebem educação financeira têm maiores condições de serem melhores poupadores, acumulando mais riquezas, e tomarem boas decisões relativas às escolhas de produtos financeiros, incluindo os investimentos. Em acréscimo, Robson, Farquhar e Hindle (2017) afirmam que indivíduos com baixo conhecimento financeiro, quando comparados aos de maior conhecimento, tendem a não somente tomar decisões financeiras ineficientes, mas também buscar informações em fontes pouco confiáveis, como amigos, família e internet.

A priorização da educação financeira no mundo pode ser importante fator para a estabilização dos sistemas financeiros dos países, uma vez que pessoas bem educadas financeiramente tendem a tomar decisões mais racionais (BCB, 2017). Lusardi e Mitchell (2014) explicam que o Governo dos EUA passou a olhar com mais atenção a educação

financeira após a crise de 2008, uma vez que pessoas bem educadas tendem a identificar fraudes com maior facilidade. Apesar disso, Lusardi (2015) alerta que é difícil estabelecer ligação causal entre comportamento econômico e alfabetização financeira, mesmo muitos estudos já tendo tentado provar essa relação.

Além disso, Lusardi (2019) ainda alerta que a alfabetização financeira apresenta baixos índices em todo o mundo, independentemente, por exemplo, do desenvolvimento econômico do país. Lusardi (2015) explica que uma população com baixos índices de alfabetização financeira pode ocasionar em um grande número de pessoas tomando más decisões de poupança, hipoteca e aposentadoria. Nesse cenário, bons contribuintes seriam responsáveis por sustentar os maus poupadores, tornando insustentável sistemas de previdência.

Cunha (2020) faz uma análise crítica da educação financeira e da importância do Estado como promotor desse processo de ensino. Segundo a autora, a educação financeira, por vezes, cai no mesmo problema da educação geral, em que as diretrizes do que deve ser aprendido é definido para servir o poder do capital e não para beneficiar o cidadão. Por isso, é de grande relevância que haja uma instituição que defenda os interesses reais do cidadão, como seria o Estado, e promova uma educação financeira que busque incluir financeiramente seus beneficiados (CUNHA, 2020).

Os estudos na área da educação financeira e alfabetização financeira vêm mostrando que esses conceitos são importantes para explicar principalmente três aspectos: i) o endividamento do indivíduo; ii) a formação da poupança e iii) o acesso a investimentos.

Dos fatores antecedentes ao endividamento, a educação financeira e alfabetização financeira são uns dos objetos mais estudados desse fenômeno em pesquisas acadêmicas. Em uma revisão de literatura, Donadio, Campanario e Rangel (2012) constatam que a alfabetização financeira é um importante fator para prevenção de decisões financeiras erradas e aumento da taxa do endividamento. Kunkel, Vieira e Potrich (2015), em um estudo robusto com quase 2000 mil indivíduos, em três estados de diferentes regiões do país, constaram a relação dos três construtos da alfabetização financeira segundo a OECD (2013), numeracia, comportamento e atitude, em relação ao endividamento. O estudo, utilizando o método quantitativo de modelagem de equações estruturais, chegou à conclusão que a alfabetização financeira ajuda os indivíduos a tomarem melhores decisões financeiras e evitar o alto endividamento.

Lusardi (2015) explica que pessoas com baixa alfabetização financeira tendem a subestimar a composição das taxas de juros e têm maiores probabilidades de apresentar dificuldades no pagamento de dívidas. Apesar disso, French e McKillop (2016) constatam que o simples conhecimento financeiro não é suficiente para afetar o desempenho financeiro

individual, sendo os hábitos muito mais importantes para explicar variações do nível de endividamento. Além disso, segundo Lusardi e Mitchell (2014), analfabetos financeiros tendem a gastar mais com serviços financeiros de alto custo de juros, incluindo empréstimos consignados.

Dessa forma, programas que visam a educação financeira devem ir além da transmissão de conhecimentos e procurar a conscientização, sendo, ainda, direcionados a públicos específicos. Lusardi e Mitchell (2007) alertam que programas nacionais de caráter único não serão eficazes no estímulo da poupança, sendo até desestimulante para os participantes.

Em relação a formação de poupança, Lusardi (2015) explica que decisões de poupança se referem a decisões em que o indivíduo gasta menos do que ganha com o objetivo de manter o consumo estável em tempos que a renda decresce, como por exemplo a aposentadoria. Clark, Lusardi e Mitchell (2016), indicam que a alfabetização financeira é um dos preditores para a aderência de funcionários a programas de poupança e previdência. Lusardi (2015) ainda afirma que a relação entre o planejamento de poupança ou aposentadoria é extremamente robusta, indicada por diversos estudos como o de Lusardi e Mitchell (2009).

No que diz respeito a utilização de produtos de investimento, Rooiji, Lusardi e Alessie (2011) apresentam um forte impedimento na participação do mercado de ações por famílias que apresentam baixa alfabetização financeira. Almenberg e Dreber (2015) encontraram como resultado do estudo, com mais de 1000 indivíduos na Suécia, uma explicação para a diferença na participação do mercado de ações entre gêneros. Segundo os autores, esses resultados sugerem que homens tem maior participação no mercado de ações devido ao seu, também, maior conhecimento financeiro (numerácia).

2.1.2 Definições de educação financeira e alfabetização financeira

As definições de educação financeira e alfabetização financeira partem do conceito de alfabetização geral. Para Huston (2010), alfabetização, em sentido amplo, se refere à compreensão de palavras, símbolos e operações aritméticas e uso dessa capacidade (ler, escrever e calcular). Esse conceito foi expandido para outras áreas de conhecimento gerando novas definições específicas para alfabetização, como alfabetização informática, alfabetização estatística e alfabetização em saúde (HUSTON, 2010).

Há muita confusão a respeito da definição de educação financeira, inclusive na literatura. Muitos autores utilizam os termos educação financeira e alfabetização financeira

como sinônimos, não os diferenciando (VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019). Huston (2010) explica que poucos autores, 13% em sua amostra, buscam definir e diferenciar esses termos. Dessa forma, neste tópico busca-se o esclarecimento dos conceitos. Para facilitar o entendimento, as principais definições de educação financeira e alfabetização financeira identificadas na literatura estão resumidas no Quadro 1.

Quadro 1 - Definição de educação financeira

Autor(es)	Educação financeira	Alfabetização financeira
Vitt, Siegenthaler (2000)		Alfabetização financeira pessoal é a capacidade de ler, analisar, gerenciar e se comunicar sobre as condições financeiras pessoais que afetam o bem-estar material.
Huston (2010)	A educação financeira é uma entrada capaz de melhorar o capital humano e alfabetização financeira.	Alfabetização financeira é a mensuração do quão bem um indivíduo pode compreender e usar informações relacionadas a finanças pessoais.
OECD (2018)	Processo no qual indivíduos melhoram seus conhecimentos sobre produtos e decisões financeiras.	alfabetização financeira é uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessário tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar bem-estar.
Vieira, Moreira Junior E Potrich (2019)	Conhecimento e habilidades que o indivíduo detém e obteve ao longo da sua vida.	Não há diferenciação clara, durante a redação é usada como sinônimo de educação financeira.
U.S. Financial Literacy And Education Commission (2020)	A educação financeira é o processo pelo qual as pessoas obtêm informações, habilidades, confiança e motivação para agir, por diversos meios, inclusive em sala de aula, aconselhamento individual e coaching, intervenções baseadas em tecnologia e autoestudo.	A alfabetização financeira descreve as habilidades, conhecimentos e ferramentas que equipam as pessoas para fazer decisões financeiras e ações para atingir seus objetivos.

Fonte: elaborado pelo autor.

Grande parte dos autores utilizam o termo educação financeira como o processo em que o indivíduo adquire conhecimento e informações a respeito da gestão financeira pessoal e alfabetização financeira como os conhecimento financeiros, sendo que alguns autores ainda incluem os hábitos e atitudes do indivíduo dentro desse conceito (HUSTON, 2010; LUSARDI, 2015; MESSY; MONTICONE, 2016; ROBSON; FARQUHAR; HINDLE, 2017; OECD, 2018).

A educação financeira é definida, pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD), como sendo o processo no qual indivíduos melhoram seus conhecimentos sobre produtos e decisões financeiras e desenvolvam habilidades e

confiança para o gerenciamento dos seus recursos (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2013). Dessa forma, para a OECD o termo “educação financeira” está relacionado ao processo de aprendizado ou desenvolvimento de competências – conhecimentos habilidades e atitudes.

Outro autor importante para o desenvolvimento conceitual do termo educação financeira é Huston (2010). Ela afirma que a educação financeira é uma entrada capaz de melhorar o capital humano e alfabetização financeira, sendo esses dois construtos necessários para melhorar as tomadas de decisões e alcançar o bem-estar financeiro (HUSTON, 2010). A definição de educação financeira que a autor propõe é alinhada e semelhante à da OECD, uma vez que enxerga o termo educação financeira como o processo educacional. A U.S. Financial Literacy And Education Commission (2020) também expõe uma definição semelhante. Para a instituição, a educação financeira é o processo pelo qual as pessoas obtêm informações, habilidades, confiança e motivação para agir (UNITED STATES FINANCIAL LITERACY AND EDUCATION COMMISSION, 2020).

Apesar dessas definições, Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) apontam outra forma de entender esse conceito, dando a educação financeira o significado de conhecimento e habilidades que o indivíduo detém e obteve ao longo da sua vida. Dessa forma, o significado de educação financeira ganha um outro sentido, que vai na mesma linha da definição de alfabetização financeira (Financial Literacy) que a OECD propõe, “[...] combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessário para tomar decisões financeiras sólidas e, finalmente, alcançar bem-estar” (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2013, p. 24).

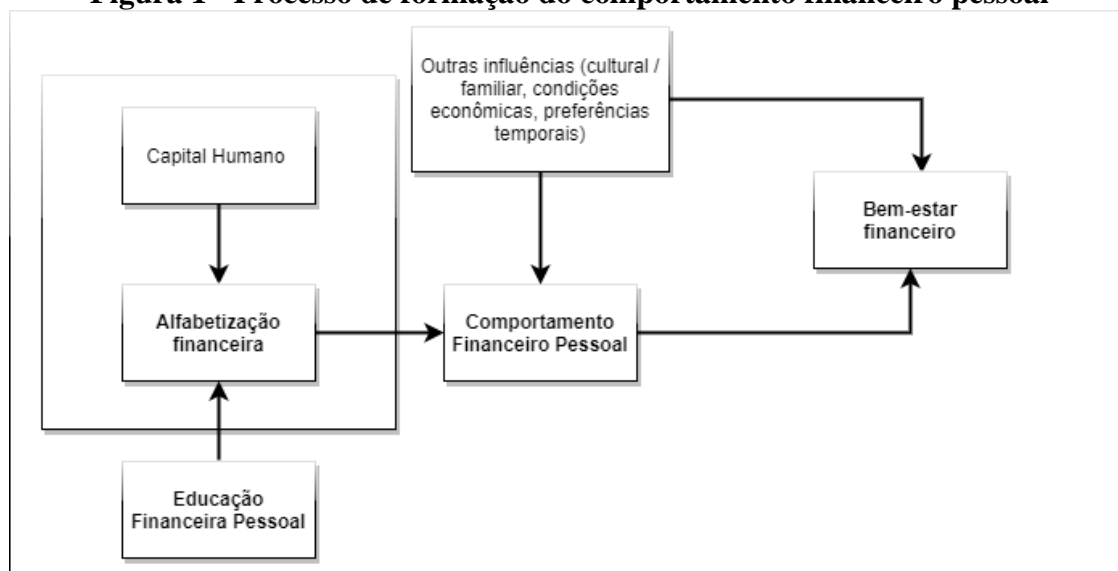
As definições de alfabetização financeira identificadas seguem, em sua maioria, a proposta pela OECD (2013). Para Vitt, Siegenthaler (2000), alfabetização financeira é a capacidade de ler, analisar, gerenciar e se comunicar sobre as condições financeiras pessoais que afetam o bem-estar material. A U.S. Financial Literacy And Education Commission (2020) explica que alfabetização financeira descreve as habilidades, conhecimentos e ferramentas que equipam as pessoas para fazer decisões financeiras e agir para atingir seus objetivos.

Huston (2010) explica que alfabetização financeira é a mensuração do quão bem um indivíduo pode compreender e usar informações relacionadas a finanças pessoais. Por fim, Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) não definem o termo, mas utilizam durante a redação de seu estudo como sinônimo de educação financeira.

Aprofundando as relações entre os conceitos de educação financeira e alfabetização financeira, Huston (2010) propõe, conforme ilustrado na Figura 1, que a educação financeira é

uma entrada que impacta a alfabetização financeira. Assim tem-se o conceito de alfabetização financeira, que é afetado também pelo capital humano, que é o conjunto de conhecimentos adquirido durante a vida. O nível de alfabetização financeira é um dos fatores que influencia o comportamento financeiro pessoal, também afetado por outros aspectos como cultura, família, condição econômica e preferências temporais. O comportamento financeiro seria como a pessoa age e toma as decisões, o que impacta no bem-estar financeiro individual (HUSTON, 2010).

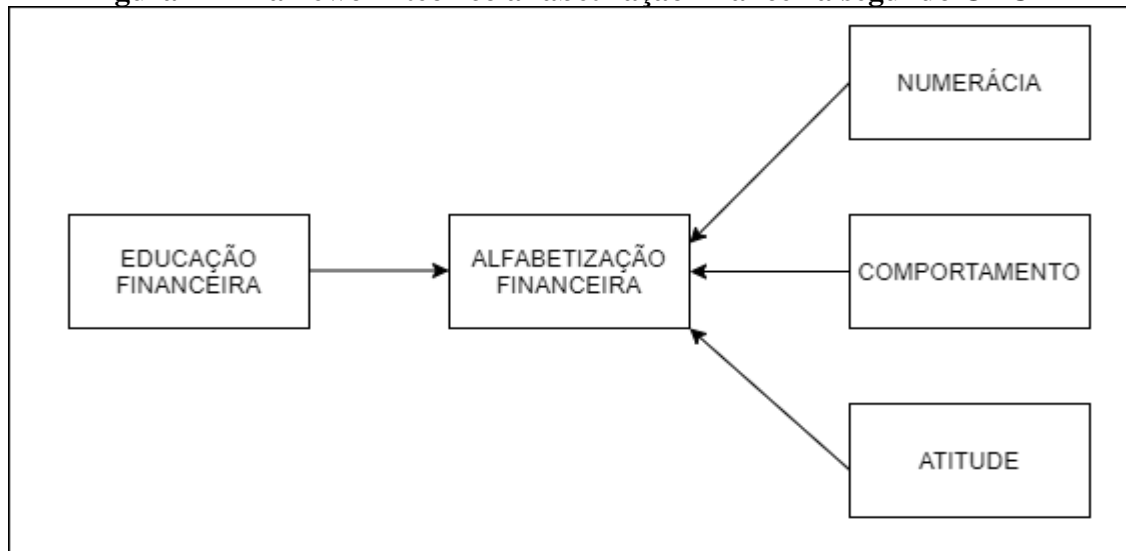
Figura 1 - Processo de formação do comportamento financeiro pessoal



Fonte: adaptado de Huston (2010).

A OECD (2013) divide o conceito de alfabetização financeira em três pilares: i) numerácia, que diz respeito aos conhecimentos do indivíduo; ii) comportamento, que avalia os hábitos do indivíduo e por último iii) atitude, que diz respeito à propensão do consumo a curto ou longo prazo. A definição proposta pela OECD é amplamente utilizada como base para estudos a respeito da educação financeira no mundo (DONADIO; CAMPANARIO; RANGEL, 2012; FLORES; CAMPARA; VIEIRA, 2012; KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015; ROBSON; FARQUHAR; HINDLE, 2017). Para o melhor entendimento, foi elaborada uma representação gráfica explicativa para os conceitos apresentados, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – Framework teórico alfabetização financeira segundo OECD



Fonte: adaptado de OECD (2013)

Para a OECD (2013), o pilar do conhecimento financeiro ou numerácia avalia os conhecimentos do indivíduo a respeito de conceitos como juros, inflação, risco em investimentos, necessários para boas decisões financeiras. O pilar comportamento financeiro representa o modo como a pessoa se comporta em relação as compras do dia a dia, contas a pagar, realização de orçamento doméstico e planejamento financeiro. Por fim, o último pilar é o da atitude que avalia, principalmente, as preferências temporais do indivíduo, ou seja, se ele tem tendências a priorizar satisfação de desejos a curto prazo ou formação de poupança a longo prazo.

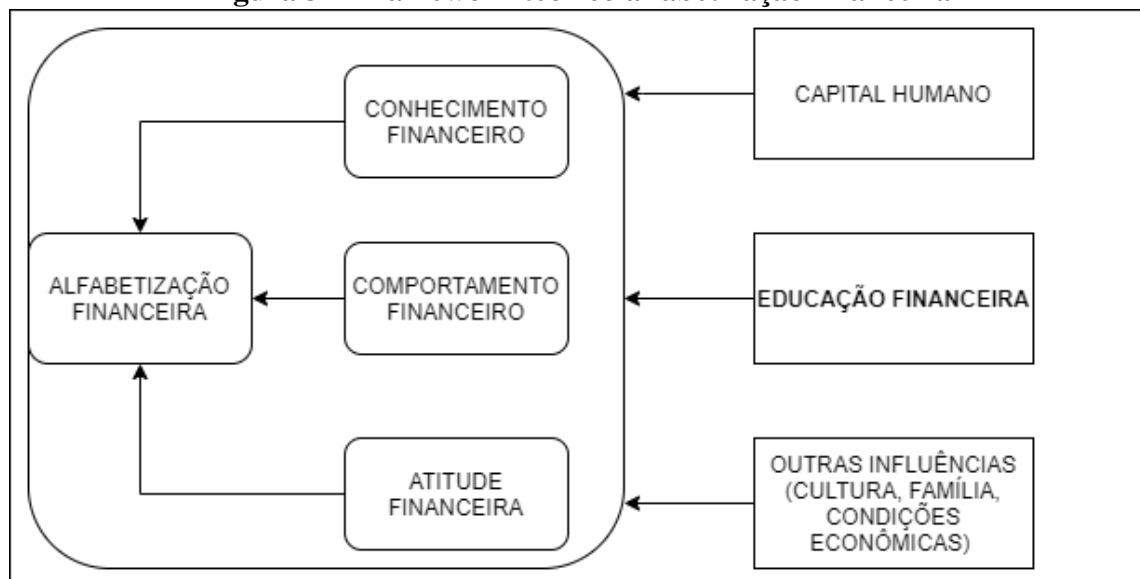
Em relação aos três pilares, Garcia (2011) afirma que a simples informação financeira ou numerácia não são suficientes para que indivíduos tenham um processo decisório racional. French e McKillop (2016) mostram que o comportamento é muito mais importante para o desempenho financeiro do indivíduo. Ainda para estes autores, um programa de educação financeira deve promover a conscientização das finanças, gerenciamento de contas, orçamento e visaria pessoas com dificuldades financeiras, já que as ações precisam ser direcionadas a públicos específicos, com necessidades que atualmente estão os pressionando.

Em um estudo robusto de meta-análise, Kaiser e Menkhoff (2017) explicam que a educação financeira apresentou considerável influência no comportamento financeiro dos indivíduos. Entretanto, para os autores, esse achado não é garantia de que qualquer programa de educação financeira possa ser eficaz. Para eles, a grande variabilidade dos programas entrega resultados igualmente variáveis. Kaiser e Menkhoff (2017) alertam, por exemplo, que, em

grupos naturalmente problemáticos em suas decisões financeiras, como pessoas de baixa renda, a educação financeira tende a ser um processo menos eficaz.

Dessa forma, é possível resumir a educação financeira como sendo o processo de desenvolvimento da alfabetização financeira que, por sua vez, é formada por três construtos: numerácia, comportamento e atitude. É importante entender também, conforme mostra Huston (2010), que a alfabetização financeira é um resultado de diversos fatores de influência, assim, temos a educação financeira como somente um desses elementos. A figura 3 mostra as relações do conceito alfabetização financeira, baseado principalmente em Huston (2010) e OECD (2013).

Figura 3 – Framework teórico alfabetização financeira



Fonte: adaptado de Huston (2010) e OECD (2013).

Por fim, é importante salientar que o processo de educação financeira não deve ser entendido como sendo somente a transmissão de informações sobre cálculo de juros, uma vez que alguns estudos indicam que esse tipo de formação, é em muitos casos, ineficiente (FRENCH; MCKILLOP, 2016).

2.2 Avaliações de programas de educação financeira

Kaiser e Menkhoff (2017) afirmam que os programas de educação financeira são carentes de avaliação, principalmente fora dos EUA. Para os autores, a existência do programa não garante sua eficácia, até por haver grandes variações na capacitação dos facilitadores. A OECD (2013) explica que uma medida de alfabetização financeira pode ser usada como

indicador de necessidades em setores específicos de sociedades, permitindo o direcionamento acertado das políticas públicas.

Fernandes, Lynch Jr e Netemayer (2014) explicam que a intuição altamente difundida de que a educação financeira faça com que os cidadãos tomem melhores decisões fez com que governos e instituições não governamentais criassem programas de intervenção para sua população. Entretanto, em seu estudo de meta-análise, os autores identificaram que os programas governamentais estudados só explicam 0,1% do comportamento financeiro analisado. Esse valor tão baixo, frente aos grandes investimentos feitos nesses programas, alerta para a importância da análise da eficiência e da eficácia dos programas de educação financeira estudados. Huston (2010) explica que a educação financeira apresenta resultados variados, o que pode indicar que nem todos os programas de educação financeira apresentam resultados efetivos.

French e McKillop (2016) frisam que os programas de educação financeira precisam entender a realidade do público alvo, sendo necessária abordagens e objetivos diferentes para as necessidades apresentadas por cada sociedade ou comunidade. Para Messy e Manticone (2016), as circunstâncias nacionais e locais devem ser consideradas no planejamento das estratégias nacionais e programas individuais para o alcance de maior eficácia. Lusardi, Michaud e Mitchell (2018) defendem que um programa de educação financeira bem-sucedido é aquele que gera resultados a médio e longo prazo, ou seja, resultados consistentes.

Fernades, Lynch Jr e Netemayer (2014) sugerem que pode haver vários motivos para um possível fracasso em programas de educação financeira. Entre eles estão: a concorrência com fontes de informações não confiáveis; a falta de preparo dos instrutores; ou mesmo o foco dos programas na transmissão do simples conhecimento financeiro, ao invés de incentivar comportamentos positivos como a propensão ao planejamento e proatividade na busca por informação antes de realizar investimentos. Apesar desses alertas, Amagir *et al.* (2017) identificou, em seu estudo que buscou analisar vários programas de educação financeira, uma tendência a incluir a abordagem focada em habilidades, indo além da abordagem que busca a simples transmissão de conhecimentos.

Para Lusardi, Michaud e Mitchell (2018), os programas de educação financeira são benéficos se o custo de fornecer a educação for menor do que o custo para os indivíduos adquirirem conhecimento por si próprios. Os autores ainda alertam que públicos menos sofisticados da população tendem a ter menos benefícios com programas de educação financeira. Lusardi (2019) explica ainda que um programa de educação financeira eficaz deve

identificar com eficiência as necessidades de seu público, visar com precisão os grupos vulneráveis, ter objetivos claros e se basear em métricas de avaliação rigorosas.

Além disso, programas de educação com o foco em comportamentos e hábitos teriam muito mais efetividade do que a transmissão de conhecimentos como cálculo de juros e valor do dinheiro. French e McKillop (2016) explicam que não é a habilidade de calcular com precisão taxas de juros no tempo que é importante no desempenho financeiro do indivíduo, e sim o senso geral dos custos de empréstimos e bons hábitos. Lusardi, Michaud e Mitchell (2018) entendem, a partir dos resultados de seus estudos, que programas de curto prazo tendem a ser os menos efetivos em relação a formação de poupança dos indivíduos.

Messy e Manticone (2016) em seu estudo, que busca avaliar as políticas de educação financeira na Ásia, identificam que, apesar de haver um número crescente de estudos avaliativos de programas de educação financeira, ainda há uma maioria de programas não avaliados. O estudo citado ainda explica que mesmo os programas avaliados têm dificuldades em mostrar o impacto alcançado (MESSY; MANTICONE, 2016). A U.S Financial Literacy and Education Commission (2020) alerta que, apesar da importância de pesquisas que busquem avaliar programas de educação financeira, ainda falta metodologia e diretrizes para a avaliação de políticas nesse sentido.

Dessa forma, com base em extensa revisão acadêmica, a U.S Financial Literacy and Education Commission (2020) lista as melhores práticas em educação financeira para o alcance da eficácia. Segundo a instituição, essas práticas, listadas no quadro 2, podem ser usadas no planejamento de políticas de educação financeira nacional.

Quadro 2 – Boas práticas para programas de educação financeira

(continua)

Prática	Orientação
Conheça os indivíduos e famílias atendidos.	Deve-se avaliar as reais necessidades, barreiras, contexto demográfico, motivações e o nível de habilidade dos beneficiados.
Forneça informações acionáveis, relevantes e oportunas.	Há consenso de que, quando as informações financeiras são fornecidas de maneira acionável, relevante e oportuna, as pessoas têm maior probabilidade de reter as informações e agir de acordo com elas.
Melhore as principais habilidades financeiras.	Abordagens eficazes de educação financeira são estruturadas para: 1) ajudar os consumidores a saber quando e como localizar informações; 2) ajudar os consumidores a entender como interpretar informações para a tomada de decisão; e 3) ajudar os consumidores a ter habilidades e confiança para agir e implementar suas decisões.

Quadro 2 – Boas práticas para programas de educação financeira

(conclusão)

Prática	Orientação
Facilite a boa tomada de decisão e aderência aos programas	Esta prática orienta que os programas de educação financeira devem ser pensados para facilitar o acesso da pessoa a informação e realização de boa tomada de decisão.
Desenvolva padrões para educadores financeiros.	É fundamental para o programa de educação que os educadores demonstrem altos níveis de compreensão, tanto com o conteúdo quanto com a pedagogia.
Forneça suporte contínuo.	A educação financeira se torna mais eficaz quando ela não é uma ação única e sim permite continuar a acompanhar os beneficiados para que eles desenvolvam seu conhecimento e confiança, estabeleçam metas e recebam feedback.
Avalie o impacto da ação.	Instituições interessadas em educação financeira cada vez mais salientam a importância da avaliação de eficácia dos programas de educação financeira para a promoção de melhoria contínua.
Trabalhe a motivação	Pessoas dirigidas por valores intrínsecos, desejos, interesses ou aspirações são mais propensos a permanecer focados (porque querem aprender) do que aqueles forçados a aprender por meio de pressões extrínsecas (porque eles têm que aprender).

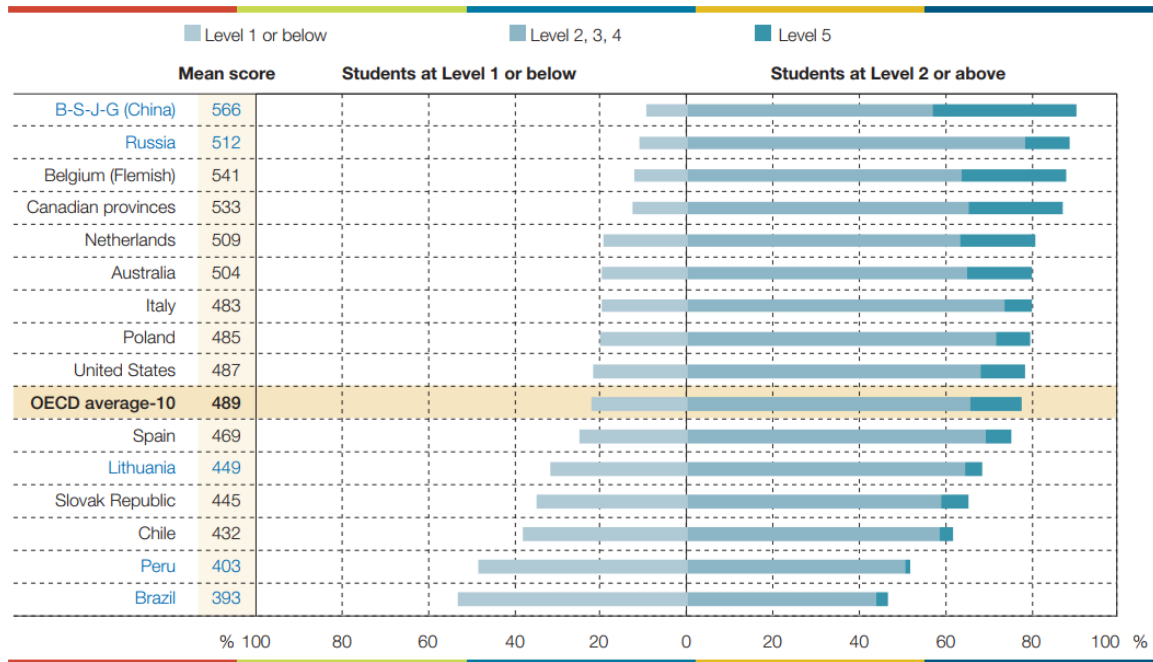
Fonte: adaptado de U.S Financial Literacy and Education Commission (2020).

2.2.1 Políticas de educação financeira no Brasil e no Mundo

Um dos mais importantes instrumentos de avaliação da alfabetização financeira é o *Programme for International Student Assessment* (PISA), traduzido como “Programa Internacional de Avaliação de Alunos”, surgido em sua forma original em 1997. O PISA é uma avaliação em massa realizada com alunos de vários países, com o objetivo de mensurar os conhecimentos adquiridos por eles. Recentemente, passou a incluir perguntas relacionadas diretamente a alfabetização financeira de vários países (VIEIRA; MOREIRA JUNIOR; POTRICH, 2019). Dessa forma, essa avaliação é considerada a primeira pesquisa em grande escala de avaliação da alfabetização financeira no mundo.

A cada três anos, a OECD realiza esse diagnóstico da situação educacional de diversos países no mundo. A partir de 2012, o instrumento incluiu a temática alfabetização financeira e em 2015 o Brasil teve esse quesito mensurado, conforme a Figura 4 apresenta. Nesse último levantamento, o Brasil ficou em último lugar em relação à alfabetização financeira. Nesse quesito, o país apresentou quase 60% dos estudantes com a pior classificação possível frente a uma média de pouco mais de 20%, dentro dessa classificação, dos demais países participantes (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2018).

Figura 4 – Percentual de estudantes por nível de proficiência em alfabetização financeira



Fonte: OECD (2018).

Para avaliação da alfabetização financeira, o questionário utilizado pela OECD aborda os três construtos que formam a alfabetização financeira: numerácia, comportamento e atitude. São 8 perguntas que avaliam a numerácia, 9 perguntas mensuram o comportamento e três perguntas são direcionadas a atitude do entrevistado (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2018).

No construto numerácia são realizadas uma variedade de perguntas em relação a conceitos como juros simples e compostos, risco, retorno e inflação. Já no construto comportamento, o entrevistado é avaliado por perguntas de diferentes estilos para descobrir sobre seus comportamentos, como pensar antes de fazer uma compra, pagar contas no prazo e no orçamento, economizar e emprestar para fazer face às despesas. Por fim, a atitude financeira é mensurada com três perguntas a respeito das preferências temporais dos entrevistados, ou seja, é avaliado se há inclinação ao gasto presente ou poupança futura (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2018).

Algumas informações interessantes a respeito dos resultados do PISA são apresentados no relatório divulgado pela a OECD (2018). Estudantes que recebem mesada ou alguma renda desde cedo apresentam em média 13 pontos a mais em alfabetização financeira do que aqueles que não recebem. Ademais, em pelo menos 10 países, estudantes desfavorecidos

economicamente tendem a apresentar piores resultados se comparados com aqueles com maiores condições.

O relatório da OECD (2018) indica que esse é um importante ponto a ser observado, uma vez que a disparidade econômica pode estar afetando fortemente a diferença de nível de alfabetização financeira entre os alunos. Além disso, o fato de estudantes que recebem alguma forma de renda, como mesada ou pagamentos por pequenos trabalhos, estarem apresentando melhor rendimento na alfabetização financeira, pode indicar que experiências reais com a gestão do dinheiro é uma importante forma de melhorar a alfabetização financeira do indivíduo.

No contexto brasileiro, há mais dois trabalhos realizados com o objetivo de desenvolver modelos de mensuração para alfabetização financeira. Potrich, Vieira e Kirch (2016) propõem um novo instrumento baseado na escala da OECD (2013), chamado de termômetro da alfabetização financeira. Nele são avaliados os três pilares da alfabetização financeira, conforme define a OECD: atitude financeira, numerácia e comportamento financeiro. Ao todo, o instrumento proposto contém 50 questões das quais 10 avaliam a atitude financeira, 27 o comportamento financeiro e 13 o conhecimento financeiro. O termômetro de alfabetização financeira encontrou como resultado mais de 67% destes sendo classificados no cluster “Baixo nível de alfabetização financeira” (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2016)

Posteriormente, Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) desenvolveram mais uma escala baseada na teoria da resposta ao item, também utilizada para o cálculo de notas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esse instrumento contém 13 perguntas que avaliam os conhecimentos do respondente a respeito de temas como inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos. Os respondentes são classificados em 5 níveis de proficiência e educação financeira: muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto. A coleta realizada por Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) encontrou como resultado mais de 27% da amostra apresentando baixa ou muito baixa proficiência financeira, tendo ainda a maior parte da amostra sendo classificada como tendo somente média proficiência.

Ainda sobre a realidade brasileira, em situações de crise, indivíduos com baixa alfabetização financeira tendem a ter ainda mais dificuldade (TRINDADE ET AL., 2010; FLORES; CAMPARA; VIEIRA, 2012; PEÑALOZA; PONTES; DE OLIVEIRA, 2018). Corroborando com essa afirmação, pode-se observar o aumento da taxa de endividamento durante o período de recessão econômica vivida pelo país, entre os anos de 2015 e 2016, em pesquisas realizadas no período, chegando a 73% de taxa de endividamento da população ativa no Ceará (FECOMÉRCIO-CE, 2016; BARBOSA, 2017). Outra observação mais recente é

referente à crise causada pelo surgimento do novo coronavírus. Em pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), a taxa de endividamento das famílias brasileiras atingiu um nível recorde desde 2010, com 66,2% (CNC, 2020).

Mais dados alarmantes a respeito do público brasileiro são encontrados em pesquisa realizada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS, 2019). Segundo os resultados dessa pesquisa, 58% dos brasileiros não possuem qualquer tipo de investimento, e mesmo 88% das pessoas que investem, utilizam somente a poupança como forma de investimento. A pesquisa ainda revela que a maior parte dos brasileiros depende da previdência pública para se aposentarem. Este tipo de dependência e falta de conhecimento pode ser muito negativa para a manutenção do bem-estar financeiro dessas pessoas quando o seu nível de renda reduzir, uma vez que programas de previdência pública são reduzidos cada vez mais.

No mundo, ações que buscam fortalecer o conhecimento financeiro da população através de programas de educação financeira existem há um tempo. Messy e Manticone (2016) explicam que são exemplos de precursores de programas de educação financeira as políticas públicas surgidas na Ásia após a Segunda Guerra Mundial. Países como Japão e posteriormente Coreia, Cingapura, Malásia e a China implementaram políticas de promoção a poupança aos seus cidadãos. Nos EUA, o tema é abordado diretamente nas escolas e por meio de ações de seus órgãos governamentais federais desde os anos de 1980 (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007; LUSARDI; MITCHELL, 2014).

A OECD é uma das instituições mais reconhecidas no que diz respeito a educação financeira. CUNHA (2020), explica que no início dos anos 2000 a instituição iniciou sua primeira incursão sistemática que tinha como objetivo auxiliar os países membros em três situações em curso: a) aumento de trabalhadores se aposentando; b) aumento do endividamento com a facilitação do crédito e sua desregulação e c) surgimento de transações eletrônicas.

Em 2008, houve um grande avanço para o fortalecimento da educação financeira no mundo: a criação da *International Network on Financial Education* (INFE). Segundo Cunha (2020), a INFE é uma rede que reúne representantes de diversos países e funciona como uma plataforma que tem como objetivo reunir dados coletados das localidades participantes para o desenvolvimento de melhores práticas na área de educação financeira dos seus cidadãos.

Na realidade brasileira, iniciativas focadas nesse tipo de educação são mais recentes, pois é a partir de 2007, com o fortalecimento das políticas públicas praticadas pelo

Governo Federal, que essas ações ganharam maior fôlego. Dentre as iniciativas de disseminação do conhecimento financeiro no Brasil, Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) citam a Estratégia Nacional de Educação Financeira.

A ENEF foi instituída a partir do decreto-lei 7.397/2010 como uma política permanente que tem o objetivo de promover ações que desenvolvam a educação financeira e previdenciária do cidadão brasileiro (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL, 2019). Essa política foi criada em consonância com as diretrizes traçadas pela OECD, e busca desenvolver diversas atividades educativas com o objetivo de formar, informar e orientar cidadãos a respeito de produtos e serviços, conceitos financeiros e consumo sustentável (CUNHA, 2020).

Em 2020 o novo decreto nº 10.393 de 2020 (BRASIL, 2020) revoga o decreto anterior, reformula a ENEF e institui a criação do Fórum Brasileiro de Educação Financeira – FBEF. O FBEF é um colegiado criado para com alguns objetivos, conforme expõe o decreto nº 10.393 de 2020. I) implementar e estabelecer os princípios da ENEF; II) divulgar as ações de educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal propostas por seus membros, por outros órgãos e entidades públicas ou por instituições privadas; III) compartilhar as informações sobre as ações de educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal produzidas pelos órgãos e entidades representados, para identificar as oportunidades de articulação; IV) promover a interlocução entre os órgãos ou as entidades públicas e as instituições privadas para estimular e, sempre que possível, integrar as ações de educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal.

Assim, fica definido que o FBEF funciona em regime de colegiado formado pelos seguintes órgãos e entidade: I - Banco Central do Brasil; II - Comissão de Valores Mobiliários; III - Superintendência de Seguros Privados; IV - Secretaria do Tesouro Nacional da Secretaria Especial de Fazenda do Ministério da Economia; V - Secretaria de Previdência da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia; VI - Superintendência Nacional de Previdência Complementar; VII - Secretaria Nacional do Consumidor do Ministério da Justiça e Segurança Pública; e VIII - Ministério da Educação.

Outro avanço no Brasil é a inclusão do tema em diversos contextos da educação básica através da Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, que impõe às escolas a obrigação da abordagem do tema educação financeira, tanto como formação cidadã, como dentro do conteúdo de matemática (BRASIL, 2018).

Para Hofmann e Moro (2013), a educação financeira ser integrada na educação matemática através da ENEF será um importante passo para aproximar essa disciplina da

realidade dos alunos. A educação financeira e econômica formal é imprescindível na formação individual dos cidadãos que são encarregados de tomarem cada vez mais cedo decisões financeiras (HOFMANN; MORO, 2013). Mesmo assim, Cunha (2020) alerta que a base curricular comum ainda não dá a devida importância para educação financeira, ficando esse tema como algo secundário e complementar.

Com as iniciativas recentes, a partir do estabelecimento da ENEF, é possível notar que a educação financeira vem se tornando um tema cada vez mais concreto nas políticas públicas do país. Uma das iniciativas mais conhecidas é a Semana ENEF, realizada anualmente em todo o Brasil e que vem mostrando crescimento ano após ano.

2.2.2 Semana ENEF

Dentre as ações da ENEF está a Semana ENEF, evento que acontece anualmente de forma massificada levando capacitações a milhões de brasileiros. Segundo os dados da Associação Nacional de Educação Financeira do Brasil (AEF-BRASIL), foram mais de 14.000 iniciativas reportadas com a participação de 70,7 milhões de pessoas em 2019 (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL, 2019). Esses resultados demonstram um constante crescimento da iniciativa, ano após ano, no cenário nacional, conforme mostra a figura 5.

Figura 5 – Nº de iniciativas nas semanas ENEF x ANO



Fonte: AEF-BRASIL, 2019

Outros dados na AEF-Brasil mostram que a maior parte do público alcançado são de responsabilidade do Banco Central do Brasil, que também é a principal organizadora,

seguido pela Federação Brasileira dos Bancos com 62.408.170 e 8.055.763, respectivamente. Além deles, participaram instituições como CNSeg, CVM, AEF-Brasil, AMBIMA, B3, MJ conforme o quadro 3.

Quadro 3 - Responsáveis, público participante e nº de iniciativas

Responsável	Público	Iniciativas
BCB	62.408.170	13.807
FEBRABAN	8.055.763	34
CNSEG	48.367	10
CVM	26.39	394
AEF-BRASIL	14.129	94
AMBIMA	9.722	11
B3	4.284	41
MJ	3.393	3
INDEPENDENTES	147.101	441

Fonte: AEF-BRASIL, 2019.

Os resultados mostram o crescimento da iniciativa e da sua importância para o público brasileiro. Em 2019 o grande público alcançado é explicado pela realização de ações de divulgação em mídias de massa. Excluindo essa modalidade, foram contabilizados 450 mil participantes em iniciativas abertas ao público, já as iniciativas fechadas para público exclusivo obtiveram a participação de 360 mil pessoas (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL, 2019).

2.2.3 Aspectos relevantes para avaliação de uma política pública

Gradativamente, a avaliação de políticas públicas tem sido usada como instrumento de desenvolvimento das políticas praticadas pelo estado (RAMOS; SCHABBACH, 2012). Várias propostas metodológicas vêm surgindo por parte de organizações internacionais como forma de avaliação de políticas públicas (RAMOS; SCHABBACH, 2012).

Basicamente, a avaliação de uma política pública tem como objetivo valorar ela de maneira objetiva e sistemática, buscando entender seus resultados e possíveis pontos de melhoria (CUNHA, 2018). Para Costa e Castanhar (2003), esse processo tem o propósito de guiar os tomadores de decisão a respeito da continuidade, possíveis correções ou mesmo finalização da política.

Os três principais aspectos analisados por estudos avaliativos são: eficiência, eficácia e efetividade. A eficiência avalia os resultados a partir dos custos necessários para

atingi-los; a eficácia avalia o atingimento de metas definidas para política; a efetividade mensura o valor gerado, esperado ou não, pela política pública (RAMOS; SCHABBACH, 2012).

Para ilustrar, segue um exemplo. Em um programa de vacinação da população contra a gripe foi colocado como meta o atingimento de 2 milhões de vacinados a um custo esperado de 200 milhões de reais - R\$100,00 por cada vacinado. Essa ação terá como objetivo a redução da incidência da gripe nos grupos de risco. Após a execução, o governo pretende avaliar a eficiência, eficácia e efetividade do programa. Dessa forma, caso a ação consiga atingir a meta estipulada de vacinados pelo custo esperado ou menor, essa ação será eficiente. Caso a ação atinja a quantidade proposta de vacinados, independente dos custos e da redução da incidência da gripe, ela estará sendo eficaz. Por fim, se ela gerar a redução esperada dos casos de gripes no país, o programa estará sendo efetivo.

Portanto, essa pesquisa pretende avaliar, então, os aspectos da eficácia e efetividade da Semana ENEF. A eficiência não será avaliada uma vez que a Semana ENEF é uma ação descentralizada, executada por diversos órgãos públicos e da sociedade civil, o que torna inviável a mensuração dos custos necessários para realização do programa. Além disso, avaliações acadêmicas, mais formais que as generalistas, enfocam geralmente nos impactos gerados pela política pública (RAMOS; SCHABBACH, 2012).

As avaliações também podem ser classificadas, quanto a temporalidade, em anterior, ou (*ex ante*), e posterior, ou (*ex post*). A avaliação anterior é aquela realizada antes da execução da política, com o objetivo de ajudar a implantação dela. Já a avaliação posterior tem como objetivo avaliar os resultados do programa e ajuda a tomada de decisão a respeito da sua continuidade ou não (RAMOS; SCHABBACH, 2012).

A avaliação posterior vem ganhando importância principalmente no cenário em que a administração pública transita do modelo burocrático, no qual os controles são focados nos processos e procedimentos, para o modelo gerencial, focado na gestão de resultados (CUNHA, 2018). Esse estudo busca, através de uma avaliação do tipo posterior, mensurar o valor gerado pela Semana ENEF.

3 METODOLOGIA

Esse estudo se caracteriza por ser uma pesquisa empírica de natureza qualitativa, de cunho descritivo e exploratório, sendo caracterizado como estudo de caso. Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2010) explicam que se deve considerar quatro questões para identificar o tipo estudo de caso a ser realizado. a) o trabalho é marcadamente descritivo? b) Apresenta uma interpretação de dados? c) elabora algum tipo de teoria? d) avalia (ou julgar) algum tipo de programa?

Considerando que essa pesquisa busca, principalmente, avaliar algum tipo de programa, o estudo do caso Semana ENEF se classifica como sendo do tipo avaliativo que, segundo Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2010), tem como objetivo gerar informações obtidas de maneira sistemática para ajudar na apreciação do mérito ou julgar os resultados de um programa, como é o caso. Essa pesquisa buscou avaliar os resultados do programa de educação financeira: a Semana ENEF 2020, para isso foi realizado uma descrição ampla a respeito do evento.

Além disso, esse estudo de caso é classificado como do tipo intrínseco, pois busca alcançar o entendimento e avaliação do programa Semana ENEF de iniciativa do Governo Federal. Segundo Chizzotti (2011), o tipo intrínseco de estudo de caso busca o entendimento do caso em si. A compreensão profunda desse caso já é relevante e não há a necessidade de compor uma generalização. Além disso, esse estudo de caso tem como relevância ajudar a explicar os efeitos de uma ação para auxiliar na tomada de decisão de gestores.

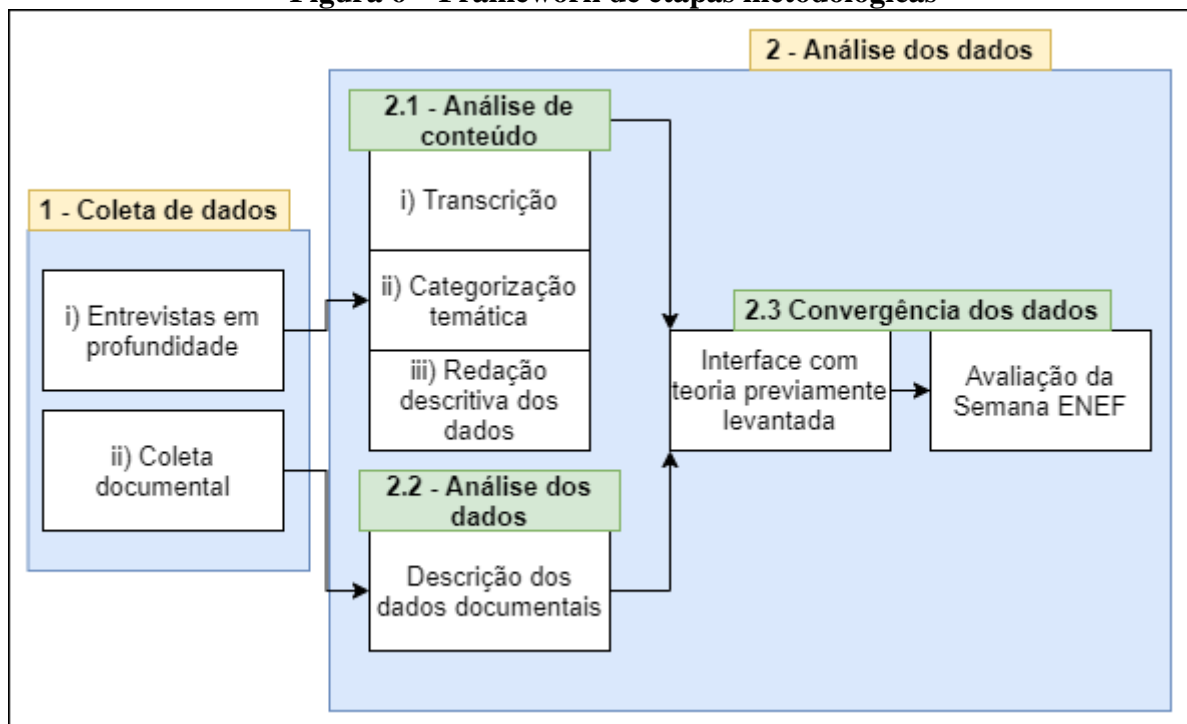
Ainda sobre o estudo de caso, Yin (2001) explica que este tipo de pesquisa se caracteriza como sendo algo que precisará de muitas fontes de dados. Dessa forma, além das múltiplas coletas de dados, é necessário que essas informações convirjam por meio de uma triangulação dos dados coletados. Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2010) ainda explicam que, em um estudo de caso, é importante entender o contexto em que o caso se insere para real compreensão do objeto em análise.

Yin (2001) explica que em um estudo de caso, diferentemente de um levantamento, a questão de pesquisa deve ser respondida pelo pesquisador. Dessa forma, a partir dos dados coletados esse estudo buscou responder a avaliação da Semana ENEF 2020 indicando sua importância e resultados observados.

3.1 Coleta e análise dos dados

Os passos metodológicos realizados nesse estudo estão resumidos na figura 6. Esse *framework* foi construído para facilitar o entendimento do processo pelo qual essa pesquisa foi realizada, sendo dividido em duas fases principais: 1) coleta dos dados em campo; 2) análise dos dados.

Figura 6 – Framework de etapas metodológicas



Fonte: elaborado pelo autor.

Os dados coletados foram obtidos de duas formas: 1) análise de documentos e dados fornecidos pela organização do evento; 2) entrevista com facilitadores das iniciativas. A pesquisa utilizou de métodos qualitativos para a análise dos dados coletados. Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2010), afirmam que o principal objetivo de um estudo de caso é a descrição do caso em si de maneira mais completa possível. Esse objetivo justifica as coletas de dados de fontes distintas: organização (por meio da análise documental) e facilitadores (por meio de entrevistas).

No projeto inicial da pesquisa fora proposto mais duas formas de coletas: i) entrevistas com organizadores e ii) avaliação de satisfação com participantes do evento. Durante a fase de coleta foram encontradas algumas barreiras para obtenção desses dados. A organização do evento, inicialmente interessada na pesquisa se negou a participar por

indisponibilidade de tempo e, também em função disso, o pesquisador não conseguiu acessar participantes do evento para realizar a avaliação de satisfação.

A primeira coleta de dados foi realizada por meio de uma pesquisa documental com o objetivo de mapear os números das ações promovidas pela Semana ENEF 2020, além de identificar os resultados do evento. Com esses dados foi possível comparar os resultados do ano de 2020 com anos anteriores. Os dados foram obtidos por meio de publicações oficiais realizadas em sites e redes sociais dos organizadores.

A segunda coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com alguns facilitadores de iniciativas da Semana ENEF 2020, buscando entender com maior profundidade a importância do evento para massificação da educação financeira e principalmente os impactos observados por eles. Para Minayo (2020), a entrevista é uma conversa com propósitos definidos com o objetivo de obter informações sobre um determinado tema científico. Minayo (2002) também explica que a pesquisa pode ser do tipo estruturada, não estruturada e semiestruturada. Uma entrevista semiestruturada, tipo que foi executado nessa pesquisa, pressupõe perguntas previamente formuladas, mas com a liberdade de incluir outras durante o desenvolvimento da conversa.

Segundo Gaskell (2004), a entrevista individual tem como vantagem a exploração em profundidade sobre a experiência do entrevistado. Assim, tem como objetivo “estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (FARR, 1982 *apud* GASKELL, 2004, p. 64). Por fim, Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2010) explicam que a entrevista em um estudo de caso tem o papel de entender a visão do entrevistado a respeito do objeto estudado, é por meio dela que o pesquisador consegue capturar a compreensão do objeto a partir de outra ótica, além da dele mesmo.

O roteiro de entrevistas com os facilitadores contendo as perguntas formuladas previamente está no fim desse documento no Apêndice I. O roteiro inicial possui 9 tópicos a serem trabalhados, incluindo os agradecimentos, documentação a ser utilizada e apresentação da pesquisa. Com o andamento da pesquisa foram acrescentadas as perguntas 6, 9 e 10, uma vez que esses temas se mostraram latentes durante as conversas nas primeiras entrevistas. Dependendo da evolução da conversa foram acrescentadas perguntas com o objetivo de aprofundar a fala do participante sobre o tema trabalhado.

Assim como há duas formas de coleta de dados previstas, os dados também foram analisados de duas maneiras diferentes. Yin (2001) explica que a análise de dados em um estudo de caso consiste em examinar, categorizar e classificar em tabelas as informações obtidas na

coleta com o objetivo de gerar evidências para responder o objetivo proposto pelo estudo. Dessa forma, durante a redação da pesquisa, além da descrição dos dados obtidos foi realizada a ligação dos dados com a teoria e propostos esquemas e resumos que buscam facilitar o entendimento do leitor.

No primeiro momento, em relação às coletas documentais, foram feitas as descrições dos resultados e da ação em detalhes com base nas informações fornecidas pelas principais organizadoras. Além disso, foi analisado site, redes sociais dos organizadores e publicações oficiais sobre o evento. Godoi, Bandeira-de-Melo e Silva (2010) explicam que documentos devem ser entendidos de maneira ampla e considera todos os tipos de materiais escritos (recortes de jornais, textos publicados, relatórios, dados estatísticos), dessa forma, serão considerados fontes de dados todas as informações divulgadas pela organização do evento. Essas publicações permitiram identificar a frequência e antecedência da divulgação do evento, além de compreender, a partir da visão dos organizadores, os resultados da Semana ENEF 2020. Até o momento da escrita final dessa dissertação não foram divulgados o relatório detalhado dos resultados do evento.

Para as coletas realizadas com os facilitadores, foram feitas as transcrições de cada entrevista realizada. Segundo Manzini (2014) a transcrição desses dados facilita a análise pelo o pesquisador, além de permitir a exposição em texto de trechos ilustrativos das informações colhidas. Esses dados, de cunho qualitativo, permitiram a realização de uma análise de conteúdo por meio da categorização temática. Vergara (2012) afirma que a análise de conteúdo tem como objetivo explicar o que está sendo dito.

Em relação à categorização temática, Bardin explica que “as categorias são rubricas de classe, as quais reúnem grupos de elementos” (BARDIN, 1979 *apud* GOMES, 1996, p. 88). Essa categorização tem o papel de facilitar a análise interpretativa através da geração de núcleo de sentidos, permitindo explorar a fundo a visão dos facilitadores frente a realização da Semana ENEF 2020 e organizar as informações com objetivo de facilitar a descrição dos dados obtidos.

Por fim, com todas as análises realizadas, foi possível executar a chamada triangulação dos dados para alcançar o objetivo da pesquisa e entender os resultados do programa de educação financeira de iniciativa do Governo Federal: Semana ENEF 2020. Yin (2001) afirma que os dados precisam convergir para contemplar as várias formas possíveis de coletas. Essa análise, a partir de várias fontes, permite o entendimento do caso estudado de diferentes prismas, alcançando maior fidedignidade da descrição do objeto. Entende-se que essa convergência de dados permitiu o alcance do objetivo proposto, obtendo o entendimento do que

é e da importância da Semana ENEF para a educação financeira no País avaliando seus resultados.

3.2 Campo de pesquisa

Minayo (2002) explica que definir o campo significa especificar o recorte pelo qual o pesquisador observa a realidade empírica a ser estudada. Essa pesquisa busca avaliar o programa de educação financeira Semana ENEF. Dessa forma, foi definido como campo empírico a realização do evento em 2020. A escolha da Semana ENEF 2020 como sendo o recorte para entender os resultados da Semana ENEF se deu pela proximidade temporal do evento com a coleta de dados, o que facilitou a identificação e o contato com os sujeitos participantes da pesquisa.

3.3 Sujeitos de pesquisa

Foram realizadas 11 entrevistas em profundidade em formato virtual. Os onze participantes da entrevista em profundidade constituem a principal fonte de dados empíricos deste trabalho. Os entrevistados foram identificados como facilitadores do evento a partir da agenda divulgada pela organizadora da Semana ENEF. A partir da identificação dos facilitadores, foram realizados os convites para participação na pesquisa. O contato inicial foi realizado pelo próprio pesquisador por meio das informações de contato disponíveis: e-mail, Instagram e LinkedIn.

Foram realizados 25 convites, dos quais 12 pessoas responderam e 11 efetivaram sua participação no estudo. As entrevistas foram realizadas a partir do acontecimento do evento e se estenderam, por motivo de agenda dos participantes, até três semanas seguintes à Semana ENEF, ocorrida entre os dias 23/11/2020 à 28/11/2020. A duração das entrevistas teve uma média de 30 minutos chegando a pouco mais de 40 minutos em alguns casos. O Quadro 4 caracteriza os entrevistados de acordo com sua profissão. A ordem de apresentação dos entrevistados se dá de acordo com o acontecimento temporal de cada entrevista. No capítulo de análise de dados a apresentação dos participantes será realizada de maneira aprofundada.

Quadro 4 – Profissão dos entrevistados

Entrevistado	Formação	Atuação informada
Entrevistada 01 (E1)	Pós-graduação em marketing.	Planejadora financeiro
Entrevistada 02 (E2)	Não informado.	Analista de treinamento corporativo e coaching financeira
Entrevistado 03 (E3)	Pós-graduação em neurociência.	Educador de investidores
Entrevistada 04 (E4)	Doutorado em economia.	Professora e coordenadora de economia (graduação e mestrado)
Entrevistada 05 (E5)	Mestrado em administração.	Planejadora financeira
Entrevistado 06 (E6)	Pós-graduação finanças.	Estrategista de ações
Entrevistado 07 (E7)	Pós-graduação em educação financeira.	Consultor e palestrante
Entrevistada 08 (E8)	Doutorado em Administração.	Professora de administração e pesquisadora
Entrevistado 09 (E9)	Graduação em marketing.	Influenciador digital e palestrante
Entrevistada 10 (E10)	Graduação em economia.	Educadora financeira
Entrevistada 11 (E11)	Pós-graduação em finanças.	Planejadora financeira

Elaborado pelo autor (2021).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste tópico, é abordada a análise e a discussão dos dados reunidos pela coleta documental e entrevistas realizadas durante a fase de campo. Foram feitas 11 entrevistas em profundidade com facilitadores de iniciativas da Semana ENEF 2020. As entrevistas foram executadas durante os meses de novembro e dezembro de 2020, a partir do acontecimento da Semana ENEF em 2020. Além disso, também está exposta a descrição dos dados fornecidos pela organização do evento, a respeito da realização da Semana ENEF, através de sites oficiais.

A organização deste capítulo foi iniciada com a descrição dos dados coletados na coleta documental. Após isso, é realizada a apresentação das entrevistas com a apresentação dos sujeitos de pesquisa. No tópico seguinte, é colocada a discussão a respeito dos antecedentes aos problemas financeiros. Em seguida, foi discutida a importância da educação financeira a partir da visão dos entrevistados. Para finalizar, na descrição das entrevistas foi discutida a Semana ENEF, sua importância, formato e avaliação crítica do evento. O último tópico realiza uma discussão a respeito da totalidade dos dados coletados, buscando-se atender ao objetivo da pesquisa.

4.1 Análise documental

Para análise documental, devido à ausência de publicação de relatório de resultados do evento até o momento, foi utilizado como principal fonte de dados o site oficial da 7ª Semana Nacional de Educação Financeira, a Semana ENEF 2020, publicações em páginas da organizadora e divulgação prévia do evento. O evento, ocorrido na semana entre 23 e 28 de novembro de 2020, foi avaliado pela organização do evento como “sendo de grande sucesso” (FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA, 2020).

A maior parte dos eventos deu-se em formato virtual, devido a situação sanitária em que se encontra no país. Para cadastrar as iniciativas, os organizadores independentes precisaram seguir alguns critérios: I) gratuidade, ausência de qualquer viés comercial e II) proibição de venda de produtos ou serviços (FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA, 2021).

A divulgação do evento foi realizada principalmente por meios virtuais. A primeira publicação que divulga a data exata do evento foi publicada identificada em 14 de setembro de 2020, com pouco mais de 2 meses de antecedência no portal da Superintendência de Seguros Privados - SUSEP (SUSEP, 2020), um dos membros da FBEF. Na rede social Instagram no

perfil oficial do Banco Central do Brasil, a primeira publicação divulgando a Semana ENEF data 17 de setembro de 2020, mais de dois meses antes do início. Ao todo foram realizadas 10 publicações divulgando ações do evento, sendo a maior parte durante a Semana ENEF 2020 (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2020a).

Em notícia publicada no próprio site, o Banco Central descreve os resultados da Semana ENEF 2020. Apesar dos dados não terem sido contabilizados totalmente, já foi possível identificar que participaram 280 instituições públicas, privadas e não governamentais com ações em todo o estado (BCB, 2020b). Segundo a publicação, só a própria instituição executou 17 iniciativas em formato virtual, atingindo mais de 2.000 pessoas. No site do evento, é informado que foram realizadas um total de 34.174 iniciativas em todo o país (FBEF, 2021). Se comparado a 2019, ano que o evento teve 14.835 ações cadastradas, o número de iniciativas mais que dobrou (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL, 2019).

4.2 Análise das entrevistas

4.2.1 Apresentação dos entrevistados

As características dos participantes demonstraram grande diversidade no que diz respeito, profissão, formação, experiência prévia e visão de mundo. Neste tópico, será feita a apresentação de cada participante da pesquisa e suas experiências prévias. A partir das informações coletadas, foi possível identificar grande variação no nível de formação e experiência prévia dentre os facilitadores. Essa variação pode ser um risco para a qualidade da educação financeira fornecida pela Semana ENEF. Esta diversidade vai de encontro a boa prática de padronização dos facilitadores sugerida pela Financial Literacy and Education Commission (2020).

A entrevistada 01 (E1) exerce a profissão de palestrante e mentora financeira. Trabalha fortemente nas redes sociais conteúdos de educação financeira, hábitos de poupança e investimentos. Motivou-se a trabalhar com esse tema pois observava as dificuldades financeiras das famílias e crises econômicas acontecerem.

Eu tenho como missão e propósito difundir a educação financeira por conta de todos esses problemas, esses desequilíbrios que eu vejo hoje né. Eu costumo falar, eu sou mentora em educação financeira[...]. Então, um dos motivos que me levou a trabalhar com isso é justamente isso. Vendo famílias sendo destruídas, a economia sendo sacrificada. O Brasil patinando, né, por conta dessas questões. E diante desse meu

trabalho, essa iniciativa do Governo vem de encontro com esse objetivo, essa missão de propagar e difundir a educação financeira (E1).

A entrevistada 02 (E2) trabalha como analista de treinamento corporativo. Além dessa atividade dentro da educação corporativa, E2 também exerce o trabalho de coaching financeiro, função que gera uma renda extra em seu orçamento. Ela conta com experiências anteriores em educação financeira, participando de um projeto que leva, há 3 anos, esse tema para escolas. Apesar das dificuldades causadas pela pandemia do novo coronavírus, E2 explica que suas capacitações mudaram para o formato virtual para continuar trabalhando a educação financeira.

Eu sou analista de treinamento sênior [...]. É a minha profissão, que eu trabalho com isso. Mas eu também trabalho como coaching financeiro, tenho uma formação em coaching financeiro que é algo mais.. é.. autônomo, né, não é a minha renda principal, mas que eu atuo também (E2).

[...] nós começamos como um projeto, há três anos atrás, em 2017, de educação financeira nas escolas para adolescentes [...]. O nosso foco são os adolescentes em escolas públicas, mas esse ano a gente não conseguiu ir pra nenhuma escola, devido à pandemia, né. Então a gente tá se reinventando, na verdade. Então esse ano que a gente não pode fazer coisas presenciais, fazer eventos presenciais, a gente tá fazendo tudo online. (E2)

O entrevistado 03 (E3) é economista, com especialização na área de neurociência e psicologia. Trabalha para Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais – ANBIMA, mais especificamente com educação para investidores. Além disso, tem atuação prévia em ONGs que levam educação financeira para escolas, focando principalmente no aspecto comportamental da educação.

E... aqui eu trabalho na área de Educação de investidores [...]. E, aqui a gente basicamente cria projeto de educação financeira. Essa é minha função na empresa [...]. Eu sou formado em economia, mas minha área de especialização é comportamento. Então eu tenho especialização em neurociência e psicologia aplicada. A principal fonte de pesquisa é o que eu chamo de economia comportamental, que usa da psicologia, um pouco de neurociência pra fazer as análises econômicas e financeiras (E3).

E aí também participo de ONG de educação financeira que a gente dá aula em escolas de ensino fundamental e ensino médio públicas aqui de São Paulo, participo de blogs de neurociência e eu trabalho na parte de conteúdo de vídeo e por enquanto eu tô me lembrando aqui das coisas que eu faço (E3).

A entrevistada 04 (E4) é economista graduada pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em economia pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutora também em economia pela USP. Atualmente é professora nos cursos de graduação e mestrado profissional no Instituto de Ensino e Pesquisa (INSPER) em São Paulo, além de coordenadora do curso de

graduação em economia. E4, diferente de outros entrevistados, não atua diretamente com educação financeira, porém sua formação em economia a obriga a entender e estudar o tema e seus impactos em sua área de atuação.

[...] eu sou economista, sou formada pela FEAUSP em economia, é... Fiz mestrado na Fundação Getúlio Vargas aqui de São Paulo, também em economia, e o doutorado na FEAUSP também, também em teoria econômica, né então... eu sou economista de formação em todas as três frentes, é... mas eu atuo como professora, então eu sou professora hoje no Insper, aqui em São Paulo, é.. onde eu também sou coordenadora na graduação em economia, eu sou professora da graduação, professora do mestrado profissional e professora da... e coordenadora da graduação em economia, né (E4)? Então, a educação financeira sempre foi um tema que acabou permeando um tanto do que eu fiz. Eu nunca fiz pesquisa voltada completamente pra educação financeira, mas eu sempre estudei o tema entendendo como os impactos da educação financeira poderiam afetar o... o andamento das políticas e a reação, o tamanho da reação da economia e a determinadas políticas, então foi mais ou menos aí que a educação financeira entrou dentro do meu dia a dia, dentro do meu contexto (E4).

A entrevistada 05 (E5) é formada em administração, com MBA em finanças pela INSPER. Além disso, é Mestre pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e conta ainda com a certificação *Certified Financial Planner* (CFP). Em sua atuação fundou um escritório de planejamento financeiro pessoal e trabalha diretamente com educação financeira e no auxílio do controle financeiro, investimentos, crédito, sucessão tributária, previdência de clientes.

Sou formada em administração, fiz um MBA em finanças, é, no INSPER e também o mestrado é em administração, com linha de pesquisa em marketing e comportamento do consumidor, justamente por conta de finanças (E5).
[...] sou fundadora dum escritório independente de planejamento financeiro pessoal, [...] encontrei essa profissão há dez anos atrás, quando eu saí do mercado financeiro e comecei a trabalhar de forma independente em áreas de ainda de finanças, né? Então, eu trabalhei por muitos anos em banco, na área de fundos de investimento depois que saí de banco, fui trabalhar nesses dez anos, eu venho trabalhando na área de treinamento, de cursos e também de capacitação de novos planejadores financeiros. [...] Quando falo vida financeira é no padrão da certificação CFP, é (inaudível) que a gente tem uma abordagem holística sobre o assunto lucro finanças pra uma pessoa. Não é meramente uma organização de controle de gastos, mas sim olhar pra todas as vertentes de finanças. Investimentos, crédito, é, comportamento, organização, sucessão tributário, é, previdências, tudo, tudo mesmo a gente olha (E5).

O entrevistado 06 (E6) trabalha como estrategista de ações em uma corretora de investimentos. E6, apesar de trabalhar no mercado financeiro há 10 anos, com experiências em bancos e corretoras tem formação acadêmica em farmácia. Conheceu a área de finanças em uma pós-graduação em administração que cursou. Se inseriu no mercado financeiro, na área de atendimento ao cliente, logo em seguida. E6 foca atualmente, juntamente com sua empresa, na educação financeira de clientes, abordando principalmente assuntos ligados a investimentos.

[...] no próximo mês, completo cinco anos de casa e eu, eu sou um estrategista de ações, tá? [...] apesar de trabalhar no mercado financeiro, né? A gente está há quatro anos na Genial, mas eu trabalho no mercado financeiro desde 2010. Já passei por outras corretoras, por outros bancos e, obviamente, minha última experiência aqui na Genial, mas a minha graduação, é... Márcio, a minha graduação, ela é em farmácia. Então, eu sou um farmacêutico (E6).

Eu sou um farmacêutico que há dez anos, né, começou a se indagar, começou a fazer uma pós de administração de empresas, tá? Aí, conheceu ali finanças, conheceu a parte de economia, se interessou por isso, né? Por coisas da vida, teve uma oportunidade de começar a trabalhar no mercado financeiro através da parte de atendimento, a parte comercial, e hoje, né, tá aqui participando da semana ENEF, tá (E6)?

Todos os dias a gente sempre procura, né, a gente faz lives diárias, eu promovo conteúdos diários pra investidores, pra clientes. Então, todos os dias a gente tem esse compromisso com a educação financeira. E claro, né (E6)?

O entrevistado 07 (E7) trabalha no mercado financeiro há 20 anos, passando por várias funções, incluindo a de gerente de investimentos de uma grande cooperativa. Atualmente trabalha como consultor de cooperativas no país, além de trabalhar como palestrante na área de educação financeira.

Eu tenho vinte anos de mercado financeiro. Dezesete deles foram em cooperativas de crédito. Durante esses dezessete anos eu passei por várias funções e nos últimos oito anos eu fui gerente de investimentos de uma das maiores cooperativas de créditos do Brasil (E7).

Então, e desenvolvo e hoje eu rodo o país né, Márcio, fazendo palestras de educação financeira, reprogramação financeira e eu treino as... treino e sou consultor das principais cooperativas do Brasil na área de investimento, com captação e criação de produtos de investimento, estratégias de captação. Então, hoje é o trabalho que eu realizo no Brasil todo (E7).

A entrevistada 08 (E8) é professora de Administração em uma Universidade Federal. Além disso, tem mestrado e doutorado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ambos com estudos focados em educação e alfabetização financeira. Atualmente coordena projetos de extensão que buscam levar educação financeira para a comunidade local. E8 é uma das principais pesquisadoras na área de alfabetização financeira no País, com várias publicações relevantes nos últimos anos.

[...] eu sou professora, né, desde 2015 eu ingressei no serviço público, como professora da Universidade Federal de Santa Maria e em 2017 eu acabei vindo pra Universidade Federal de Santa Catarina aonde eu estou atualmente. Então, desde dois mil e dezessete eu atuo como professora aqui no Departamento de Ciências da Administração nas disciplinas de finanças aqui do departamento, diretamente no curso de Administração. Então, mas tenho, por outro lado, a questão de que desde o meu mestrado, do meu doutorado, eu estudo a questão da educação, a questão da alfabetização financeira e numa forma mais específica, [...]eu comecei com projetos de extensão pra justamente criar ações pra levar a comunidade ações específicas dentro dessa temática (E8).

O entrevistado 09 (E9) trabalha como influenciador digital, tendo seu próprio curso de educação financeira sendo comercializado. Diferentemente dos outros entrevistados, E9 não tem formação da área de gestão e nem uma vasta experiência no mercado financeiro. O entrevistado trabalhou anos como produtor de um grande grupo de televisão nacional e perdeu o emprego durante a Pandemia. Após isso passou a trabalhar nas redes sociais com educação financeira e hoje também leva palestras pela CVM Educacional.

Eu até brinco que pelo fato de ter passado por dificuldades financeiras e por ter estudado e eu não tenho MBA em economia. Eu não tenho doutorado em economia, mas eu tenho um doutorado que ninguém me tira, que é a vida. Então, assim, eu estudo muito sobre o assunto, não complico o assunto, eu simplifico o assunto (E9).
[...] eu me desliguei na *Bola* agora, no dia primeiro de agosto. Depois de trinta anos trabalhando lá eu me desliguei. Me desliguei por quê? Por causa da pandemia, porque a empresa tá passando por novas fases. Pô, eu com quarenta e nove anos de idade, fui, pô, quarenta e nove anos, cara, eu fui demitido com quarenta e nove anos e muita gente acha que quando você é demitido com cinquenta anos, agora, o que que eu vou fazer? Que nada. Por**, tem muita coisa pela frente pra fazer, entendeu? [...] E hoje eu tenho uma nova profissão, que é essa que eu atualmente, por exemplo, eu tô aqui agora, eu tô editando meu webinar que eu fiz durante quatro semanas e tô apaixonado pelo que eu fiz (E9).

A entrevista 10 (E10) tem como formação graduação em economia. Conheceu a educação financeira aplicando a si e sua família. Em seguida, passou a levar essa temática para outras pessoas através de um projeto voltado para crianças.

Minha formação é em Economia e, na verdade, quando eu estudei, quando eu comecei a graduação não tinha nada de educação financeira. Nunca se falou nem em finanças pessoais, assim, era tudo direcionado pra uma forma corporativa, assim. E alguns anos depois, eu comecei a ter acesso ao material de educação financeira e eu vi o quanto era interessante e tal, e depois eu comecei a utilizar em benefício próprio e com meu filho também, e aí eu fiz um projeto, à medida que eu fui vendo que os resultados que surtiu, daí eu fiz um projeto que se chama Repense, que é a educação financeira pra crianças e eu trabalho com isso, que é a educação financeira pra crianças ainda em idade pré-escolar (E10).

A entrevista 11 (E11) é planejadora financeira pessoal com certificação CFP. Além disso tem como formação graduação em Administração de Empresas pela PUC e pós-graduação em finança pelo INSPER. Atuou por 4 anos como diretora da instituição responsável pela certificação CFP no Brasil. Já trabalha há muito tempo com educação financeira, tendo participado de todas as edições da Semana ENEF. Além da experiência com educação financeira na prática, o que chama atenção de E11 é sua participação em importantes iniciativas a nível nacional e mundial. E11 teve participação em reuniões do INFE pela OCDE, junto a pesquisadores como Annamaria Lusardi.

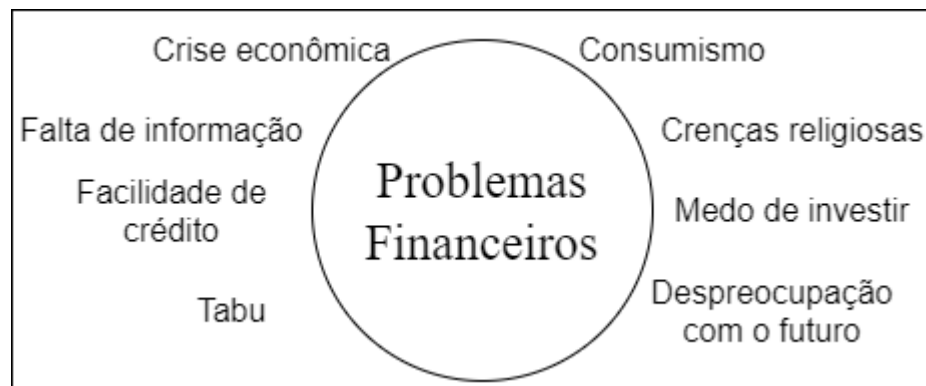
Eu sou formada em Administração de empresas pela PUC, eu fiz pós em finanças no INSPER, depois eu tirei a certificação CFP. E, eu trabalho com gestão de patrimônio, eu aprendi a fazer planejamento financeiro dentro de empresas multinacionais, eu trabalhei em três empresas multinacionais, duas americanas e uma francesa e eu tive, eu venho de uma família empresária, a gente teve um evento de liquidez, né (E11)? E aí eu fui, eu participei dos encontros do INFE durante seis anos. Aí, eu fui pra Paris, eu fui pra, fui três vezes pra Paris, eu fui pra Amsterdam, eu fui pra Nova Zelândia, eu fui pra África do Sul. É, nos eventos da OCDE. Então, assim, é muita coisa que a gente traz de lá pra fomentar a educação financeira que tá acontecendo aqui no Brasil, né (E11)?

4.2.2 Antecedentes aos problemas financeiros.

Durante a pesquisa, as causas para problemas financeiros foram discutidas junto aos entrevistados. Entender a visão dos entrevistados a respeito das causas para problemas financeiros permite compreender um pouco da profundidade do conhecimento destes facilitadores sobre o tema.

Foram citados vários fatores causadores de problemas nas finanças pessoais, como crise econômica, consumismo, falta de informações financeiras, crenças religiosas, facilidade de crédito, medo de investir, despreocupação com o futuro e o tabu de se falar em finanças, conforme mostra figura 7.

Figura 7 – Fatores causadores de problemas financeiros



Fonte: elaborada pelo autor.

Para os entrevistados, a educação financeira vem ganhando importância ano após ano. O atual contexto de crise econômica causado pela pandemia de Covid-19 contribuiu para a valorização do tema. Para eles, a situação atual provocou o agravamento dos problemas financeiros enfrentados pela sociedade Brasileira. Tal afirmação está de acordo com pesquisas recentes, como a da CNC (2020), que indica uma taxa endividamento recorde das famílias brasileiras.

Eu acho que com o momento que a gente tá vivendo, a tendência é isso (educação financeira) aumentar e intensificar muito mais. Porque as pessoas só tomam alguma iniciativa a hora que, né, a água bate. Então eu acho que vem num momento bem oportuno e eu acho que agora é o momento onde mais isso vai ser difundido (E1).

[...] falar do endividamento do brasileiro, principalmente nesse momento, né? É que muita gente perdeu seu emprego, na verdade já tinha problemas, já temos muitos brasileiros endividados, já tem, já temos esse câncer de muito tempo. Veio a pandemia, piorou muito mais (E9).

Entretanto, os entrevistados se mostraram cientes que os problemas financeiros da população não se iniciam somente com o advento da pandemia. As dificuldades financeiras podem ser causadas por problemas enraizados na cultura da nossa sociedade. O consumismo e crenças religiosas são fatores que, segundo alguns entrevistados, contribuem para os problemas financeiros da sociedade. Outros estudos já haviam indicado a relação do consumismo e o aumento da taxa de endividamento, um dos problemas financeiros mais comuns (KUNKEL; VIEIRA; POTRICH, 2015; CAMPARA; VIEIRA; CERETTA, 2016). Bauman (2001) indica que as pessoas não mais consomem pela utilidade, mas por prazer e pela busca de se conectar com seus semelhantes. Além disso, Ribeiro (2009) também já havia indicado a relação entre crença religiosa e a propensão a endividamento.

Eu vejo que o maior problema das pessoas que tem esse desequilíbrio financeiro, não é o simples fato dela não saber fazer um planejamento, ou simples fato dela não saber investir e não saber controlar o dinheiro. Mas, é uma questão totalmente psicológica e comportamental. Que é a parte das crenças limitantes que é o que a gente cresce, né, sendo impactado. Essa mente coletiva onde eu tenho que consumir o que todo mundo tá consumindo, mesmo sem eu poder. Um vizinho trocou de carro, eu também quero ir lá trocar de carro. Ou então, muitas pessoas têm aquele sentimento que dinheiro é sujo. Que a pessoa que é rica não é de Deus (E1).

[...] as pessoas não tem condições de ter um iPhone doze, querem comprar o doze? E aí pra ostentar aquilo que você não pode ter, entendeu (E9)?

As características da população brasileira são citadas outras vezes como contributiva para a difícil situação vivida por parte dos cidadãos. O medo contribui para a baixa adesão da sociedade ao mercado financeiro. Além disso, outro ponto citado é despreocupação do futuro em detrimento do presente. Um dos pilares da alfabetização financeira, a atitude financeira, avalia justamente essa tendência de priorizar satisfação de desejos a curto prazo ou formação de poupança a longo prazo (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2013)

[...] por mais que as pessoas queiram investir, elas ainda têm muito medo, né, de investir em ações, né? Ou porque não sabe como funciona, ou porque conhece, sabe que, como o próprio nome já diz, renda variável, você não consegue ter uma

expectativa de qual vai ser o seu retorno do futuro? Então, envolve toda uma questão cultural, uma quebra de paradigma (E6).

[...] E aos pouquinhos, elas querem, as pessoas querem as coisas muito rápidas. E às vezes pra sair do endividamento, demora um pouquinho, entendeu (E9)?

Infelizmente eu acho que o brasileiro, ainda não por culpa dele, mas por característica, né, pelo meio que a gente vive, né? Por muita desigualdade social, mas se preocupar com o amanhã é algo que ainda não faz parte da sociedade. E eu vejo que isso acaba se enquadrando nas demais classes, né? Desde o mais pobre até o mais rico, né? Às vezes muitas dessas pessoas não têm, não sabem sobre a importância dessa construção de patrimônio a longo prazo, dessa questão de poupar, né? As pessoas são muito preocupadas, às vezes, em gastar, em ostentar (E6).

Também é citado que finanças pessoais é um assunto que encontra muitas barreiras e as pessoas não são acostumadas a falar disso. O assunto ainda é um tabu nas conversas de brasileiros. E3 argumenta que outros assuntos polêmicos são tidos como mais comuns que as próprias finanças, diferentemente de outras culturas.

[...] mais específico do Brasil, há um certo tabu das pessoas contarem o quanto que elas ganham, diferente de outros lugares do mundo, pode até não ser um tabu, mas tem essa questão. Então é um assunto que a gente não gosta de falar, é meio tabu, então, você se abrir financeiramente com amigos, com colegas, parceiros, cônjuges, não acontece sempre, e aí por isso muitas pessoas têm dificuldade mesmo de lidar com as finanças (E3).

A gente não fala, fala mais sobre sexo do que sobre a vida financeira. Sexo é menos tabu do que isso. Política também se tornou menos tabu do que isso. O dinheiro ainda não muda tanto. A gente ainda considera um tabu e até um assunto muito estressante. Isso causa aversão a ele (E3).

Então, a gente tem essa questão do dinheiro, que normalmente as pessoas ainda é tabu falar sobre dinheiro, a gente tem a questão desse, dessas ações, ajudando também todos esses meios da vida do indivíduo, né (E8)?

E7 conta que teve que mudar o nome de suas palestras devido a rejeição do nome “educação financeira”. Para ele, o nome “educação financeira” sugere que a pessoa que está recebendo a capacitação é ignorante ou analfabeto financeiro. E10 cita que o termo educação financeira é muitas vezes marginalizado.

Por exemplo, quando eu ia... olha só como são as coisas, eu ia vender as minhas palestras, as minhas palestras eu ia vender... aí o que acontecia, eu falava é... a palestra de educação financeira tinha uma aceitação muito baixa. Depois que eu mudei a minha palestra pra reprogramação financeira, a aceitação aumentou de forma é... incrível. Olha só, de educação pra reprogramação financeira, porque o nosso subconsciente quando a gente fala assim ó... educação... oh, você não tem educação financeira, quer dizer então que você é uma pessoa ignorante, que você é um analfabeto financeiro, por mais que sejam corretos esses termos, mas o nosso subconsciente cria alguma barreira sobre isso (E7).

E dentro do próprio conselho ainda tem pessoas que não dão... meio que marginalizam a educação, a educação financeira, colocam lá como economia doméstica e não dão muito assunto pra isso (E10).

A falta de informação, educação de base e educação financeira são apontados como relevantes causas para problemas nas finanças pessoais. Para eles, além de hábitos que prejudicam as finanças pessoais e cultura que contribui para problemas financeiros, a falta de informação disponível é uma grande barreira para a melhoria da gestão financeira dos indivíduos. Essa constatação está de acordo com o estudo realizado por Kunkel, Vieira e Potrich (2015), o qual indicou a relação entre conhecimento financeiro e o endividamento com cartão de crédito.

A gente sabe que a população brasileira, né, o Brasil como um todo, né, que é um país em desenvolvimento, e a educação é primordial, né? A gente tem consciência que às vezes falta educação de base, né, quiçá educação financeira (E6).

As facilidades de crédito também são citadas como facilitadores de problemas financeiros. Dessa forma, o crédito e o recém aumento de sua oferta facilitariam a contração de dívidas e, por isso, pessoas pouco alfabetizadas financeiramente teriam dificuldade de administrar os seus deveres. Maman e Rosenhek (2018) argumentam, alinhados a esse pensamento, que a maior oferta de crédito exige um ator capaz de tomar decisões responsáveis, sendo a educação financeira primordial nesse processo. Segundo Cunha (2020), a primeira iniciativa de educação financeira tinha como um dos objetivos preparar as populações de países frente ao aumento do endividamento com a facilitação do crédito e sua desregulação

Mas à medida que aumentou a oferta de crédito no mercado, e o impulsionamento para as pessoas consumirem usando crédito, as pessoas se endividaram muito e o problema é que sem educação financeira, as pessoas não sabem como usar os produtos de crédito, né? Então, assim, o grande problema do crédito é que às vezes as pessoas, elas tomam dívida em vários instrumentos de crédito ao mesmo tempo e depois elas não conseguem pagar, elas não conseguem pagar o seu custo de vida e pagar as dívidas que elas têm (E11).

4.2.3 A importância da educação financeira e motivação dos facilitadores

Um dos assuntos discutidos durante as entrevistas foi a motivação dos facilitadores em trabalharem com o tema educação financeira. Além disso, qual seria a importância desse tema ser trabalhado junto a sociedade Brasileira. Para E1, o que motiva seu trabalho é o impacto negativo dos problemas financeiros nas famílias e na economia brasileira.

Então, um dos motivos que me levou a trabalhar com isso é justamente isso. Vendo famílias sendo destruídas, a economia sendo sacrificada. O Brasil patinando, né, por conta dessas questões. E diante desse meu trabalho, essa iniciativa do Governo vem de encontro com esse objetivo, essa missão de propagar e difundir a educação financeira (E1).

Para alguns entrevistados a educação financeira é um fator que impacta de maneira relevante no desenvolvimento econômico do País. E4 cita que a educação financeira tem a capacidade de reduzir disparidades sociais e melhorar a qualidade de vida das pessoas. E5 e E6 explicam que a educação financeira tem o poder de contribuir para o crescimento e desenvolvimento econômico do país.

Então, ter essa educação financeira mais do que evitar uma queda do PIB, evita uma piora da distribuição de renda, melhora a qualidade de vida dessa sociedade (E4).
Então, acredito que uma sociedade economicamente educada, ela é capaz de também elevar o desenvolvimento do seu próprio país (E5).

É, e eu acho que pra mim a educação financeira é a coisa mais importante que a gente tem que fazer nesse país. Eu acho que o Brasil nunca vai ser um país rico enquanto a gente não tiver educação financeira. E acho que a educação financeira, ela muda a mentalidade das pessoas também. As pessoas precisam começar a entender o fluxo do dinheiro na economia, né (E11)?

Outro aspecto discutido é o impacto da má gestão financeira na produtividade do trabalhador brasileiro. Para E5, um colaborador com uma gestão financeira equilibrada tem maior capacidade produtiva. E7 explica que a preocupação com problemas financeiros, como endividamento, causa absenteísmo e “presenteísmo”, situação em que o trabalhador não consegue se concentrar no trabalho que está realizando.

Então, falta consciência também para as empresas, porque também acreditamos que funcionários que tem a vida financeira equilibrada, são funcionários mais produtivos, né? Então tem muita coisa pra ser trabalhada a respeito de conscientização e educação financeira (E5).

Porque ele não vai dormir, não vai descansar, aí no outro dia, no dia de trabalho dele vai gerar o estresse, vai gerar preocupação e aí desencadeia ou a ansiedade ou desencadeia uma depressão. Com isso, afeta a empresa, porque tem o absenteísmo e o presenteísmo. O absenteísmo, porque ele começa a se abster do trabalho pra tratar essa doença, aí o presenteísmo é onde corre o risco dos acidentes de trabalho, onde ele tá trabalhando de corpo presente, mas a cabeça dele tá no devedor, tá na inadimplência, tá no gerente do banco que liga pra ele cobrando o cheque especial, ou tá no crédito rotativo do cartão de crédito (E7).

A qualidade de vida dos brasileiros também foi discutida. Para E7 uma pessoa não consegue manter a tranquilidade quando tem problemas financeiros. E8 explica que problemas financeiros e a falta de educação financeira podem causar problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão. Para Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019), o conhecimento financeiro adquirido por meio da educação financeira proporciona que o consumidor esteja muito mais protegido em suas decisões de consumo e financeiras, impactando no bem-estar e saúde do indivíduo.

Então tem que ter um equilíbrio. Então essa é a importância. A questão de educação financeira está ligada à qualidade de vida. Porque vamos imaginar o seguinte, Márcio, é... um homem ou tanto homem quanto mulher, mas vamos falar o homem porque a palavra o adjetivo que eu vou usar é hombridade. O cara que tem hombridade, o cara que honra o fio do bigode, esse cara, se ele tiver inadimplente ele vai conseguir colocar a cabeça no travesseiro e ter um sono dos justos? Sim ou não (E7)?

la também tem aspectos e, e que acabam impactando em outros fatores da própria vida pessoal, ou seja, é a questão de o indivíduo ser comprador compulsivo, todos aqueles fatores que podem levar a crises de ansiedade, depressão, é... causas de separação entre casais, brigas de família (E8).

E3 cita que há um problema global de falta de alfabetização financeira. E11 explica que a educação financeira vem crescendo muito após a constatação do problema feito pela OECD no ano de 2000. A pesquisa divulgada em 2018 pela OECD mostra que apesar do mundo apresentar problemas com alfabetização financeira, a situação brasileira pode ser considerada mais crítica que as demais (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2018).

[...] E a gente vê um déficit muito alto no nível de literatura financeira no mundo inteiro, isso daí não é algo só da realidade brasileira, mas no que a gente puder contribuir são trabalhos que geram até mudança de vida que eu pude visualizar nos nossos (E3).

Então, OCDE não sei se você sabe isso também, como é que nasceu, né, esse boom de educação financeira. Em 2000, o G20 identificou que a educação financeira, que a falta de educação financeira, a alfabetização financeira era um problema no mundo inteiro. Por isso, foi criado um comitê dentro da OCDE para trabalhar a implementação da educação financeira no mundo, a gente tem algumas entidades aqui do Brasil que participam disso (E11).

A necessidade de incluir o tema educação financeira nas escolas também foi discutido. E2 explica que a inclusão da educação financeira nas escolas pode gerar um efeito educativo positivo dos filhos para os pais. E8 e E11 salientam a importância dessa inclusão, porém alertam que os principais resultados só devem ser alcançados a médio e longo prazo. A educação financeira foi recentemente introduzida na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Para Hofmann e Moro (2013), essa inclusão da educação financeira será um importante passo para aproximar essa disciplina da realidade dos alunos.

Então, eu acho que vai ser meio do.. do.. Botton up, sabe? Da infância chegando nos mais velhos.. Se a gente tiver isso na escola. Vai ser.. e aí o futuro, o nosso futuro vai ser bem melhor em relação à dívida, em relação a endividamento, em relação a investimento no Brasil. Então, eu acho que.. que vai ser muito importante essa iniciativa. Ela vai mudar muita coisa daqui no longo.. no médio a longo prazo (E2).

E quando a gente vê e aí é o meu principal motivador, nessa temática, quando a gente começa a na base, ou seja, lá na educação básica, entrar pra dentro das escolas ensinando as crianças desde pequenas como que é o correto, conhecer esses conceitos,

falar sobre dinheiro, importância de controle, importância de poupar, importância de realizar os sonhos, eu acho que aí a gente começa um processo de mudança de comportamento a longo prazo (E8).

Então, a gente tá construindo isso agora, mas demora aí de uma a duas gerações pra a gente construir alguma coisa que realmente funcione, pra que a gente tenha crianças que realmente saiam da escola educadas financeiramente no futuro. Então, não é uma coisa que acontece, assim, da noite pro dia (E11).

Outro ponto salientado sobre a educação financeira nas escolas é a diferença do ensino entre criança e adultos. E10 explica que a educação financeira para adultos é mais difícil pois tem que ser uma “reeducação”. Já para criança, que está aprendendo tudo pela primeira vez seria mais acessível impactar os hábitos e comportamentos dela.

[...] o adulto tem que ter a reeducação, né? A criança tu já pode pegar uma vez da construção dos hábitos, né? Desde bem pequeno tu já vai ensinando da maneira certa, né? Porque que tem quando tu faz com o adulto, tem que ir lá e buscar todos aqueles recursos de holísticos e vieses pra trabalhar com isso né? Então, é um trabalho que tu não vai poder nunca descuidar. E com a criança daí é diferente, tu já vai está ensinando da maneira correta (E10).

Apesar de salientar a importância da educação financeira nas escolas, E11 explica que tem seus questionamentos. O primeiro deles é a respeito da não criação de uma matéria de educação financeira. O segundo é a respeito da capacitação dos professores para tratarem de educação financeira. Essas críticas vão ao encontro do que fala Cunha (2020), que alerta que a base curricular comum ainda não dá a importância necessária para a educação financeira.

Por que que não foi criada a matéria educação financeira e por que que foi feito a inserção de forma transversal (E11)?

O Ministério da Educação disse que o conteúdo é um conteúdo que qualquer adulto pode transmitir pra uma criança. Eu tenho uma crítica muito grande contra isso, porque eu digo que os professores não sabem nem eles lidar com as próprias finanças pessoais deles, como é que eles vão ensinar uma criança, como é que se lida com o dinheiro (E11)?

As pesquisas na área de educação financeira buscam, em sua maioria, entender que tipo de educação financeira é realmente eficaz. A maioria dos entrevistados nesta pesquisa têm anos de experiência trabalhando com educação financeira. Dessa forma, foi também discutido com alguns entrevistados a opinião deles a respeito da eficácia da educação financeira.

Em vista de um modelo mais eficaz, E1 e E7 defendem a educação financeira focada em comportamento. E1 explica que além do conhecimento técnico é necessário o trabalho frente as “crenças limitantes” que seriam a real causa dos problemas financeiros. E7 argumenta que trabalha focando no comportamental uma vez que o simples conhecimento financeiro não é suficiente para um bom desempenho com as finanças pessoais.

Então eu vejo que é muito uma questão comportamental e de crenças limitantes que as pessoas não conseguem ter sucesso financeiro, não conseguem ter uma vida financeira saudável. Então por conta disso que nas minhas mentorias eu trabalho muito essa parte comportamental e é lógico, toda essa parte técnica e prática do planejamento financeiro, a importância dos investimentos, dos controles. Então eu acho que tá tudo relacionado. [...] O pessoal ensina a fazer controle financeiro, ensina a fazer planejamento financeiro, como quitar dívidas, mas não trata a causa do problema que são as crenças limitantes (E1).

Educação Financeira não é extremamente números, não é extremamente a matemática, não é fazer cálculo, educação financeira é o comportamento, é o comportamento. Você pode ver, às vezes você pode encontrar, é, se fosse dessa forma, se a educação financeira fosse dominar os números, dominar a ciência da matemática, seja... Vamos ser sinceros, você já viu algum professor de matemática milionário (E7)?

E8 por outro lado ressalta que um dos pilares da educação financeira é o conhecimento financeiro, mas, assim como os outros entrevistados, ressalta a importância de que o processo de educação financeira trabalhe o comportamental dos beneficiados. Ela ainda cita que, em suas pesquisas, o que apresenta menor impacto na alfabetização financeira é o conhecimento financeiro. Esses resultados estão alinhados com algumas pesquisas como a de French e McKillop (2016) que explicam que o conhecimento financeiro não é suficiente para afetar o desempenho financeiro individual, sendo os hábitos muito mais importantes para explicar variações do nível de endividamento, por exemplo.

[...] gente tem a questão da educação financeira sim como um dos pilares, é aquela que vai levar o processo que vai levar pros indivíduos um dos pilares que é ele conhecer sobre esses conceitos financeiros. Então, ele é extremamente importante. Mas não basta parar por aí. A gente tem que tentar promover nesse processo uma mudança de comportamento, porque quando a gente vai, aí todas as pesquisas que nós temos feito, elas comprovam que o conhecimento financeiro é o que menos impacta em um ser ou não alfabetizado financeiramente. O que tem maior impacto nos níveis que eu demonstro de alfabetização financeira é o meu comportamento financeiro (E8).

4.2.4 A Semana ENEF 2020

Alguns facilitadores participaram pela primeira vez da Semana ENEF em 2020, outros já participam desde a primeira edição. A maioria dos facilitadores tiveram suas participações definidas através de convites de instituições que organizaram eventos cadastrados no site da Semana ENEF. E4, por exemplo, conta que foi convidado a participar de uma iniciativa da Semana ENEF 2020 através do SEBRAE. Já E11 explica que participa da Semana ENEF desde seu início, em 2014. Na época, ela teve sua participação definida pela sua antiga empregadora, a Associação Brasileira de Planejadores Financeiros (Planejar), que tinha um

acordo para ajudar no impulsionamento da educação financeira do país junto a Comissão de Valores Mobiliários CVM).

Bom, primeiro a semana ENEF, é... a minha participação veio através do convite dos amigos do SEBRAE, que eu já tenho bastante contato (E4).

Eu faço semana ENEF desde o início dela, então, a semana ENEF começou em dois mil e quatorze, em dezembro de dois mil e treze, a Planejare assinou um acordo de cooperação com a CVM, pra impulsionar a educação financeira no Brasil. Então, a gente participa da educação da semana ENEF desde dois mil e quatorze, desde o primeiro ano, promovendo ações através do trabalho voluntário dos planejadores financeiros certificados (E11).

Os assuntos abordados nas ações e a forma como foi executada variou muito, apesar disso, a maior parte das iniciativas observadas foram em formato virtual. E7 foi o único entrevistado com um evento presencial. Ele conta que sua palestra teve como foco principal o lado comportamental dos participantes. E8, como a maioria, realizou uma iniciativa virtual, entretanto, ela conseguiu realizar por meio de uma plataforma controlada da universidade, o que aumentou o contato com os participantes. Sobre a capacitação, ela explica que tratou de assuntos variados, desde as crenças sobre o dinheiro até assuntos relacionados às novas tecnologia. O assunto tecnologia e suas consequências na forma como lidamos com o dinheiro vem sendo incluído mais recentemente como um importante ponto a ser trabalhado dentro da educação financeira (LUSARDI; 2019).

[...] a minha palestra foi presencial e eu saí do Paraná e fui pra Bahia realizar essas palestras. [...] Como eu disse pra você, é uma palestra muito comportamental e quando a gente trabalha o comportamento de forma assertiva mexe com as pessoas (E7).

[...] a gente conseguiu construir toda uma questão lá de crenças, todo um desmistificar a fala do dinheiro, até a parte de renda variável e depois culminando por tecnologias pra ajudar nesse processo, [...] (E8).

Apesar da maioria das ações que os facilitadores participaram terem sido organizadas por outras instituições, alguns entrevistados citaram feedbacks recebidos durante e após a realização da ação. E7 conta como sua participação da semana ENEF impactou na ampliação das ações de educação financeira. E8 fala do feedback positivo recebido como indicativo da eficácia da ação de educação financeira trabalhada na semana.

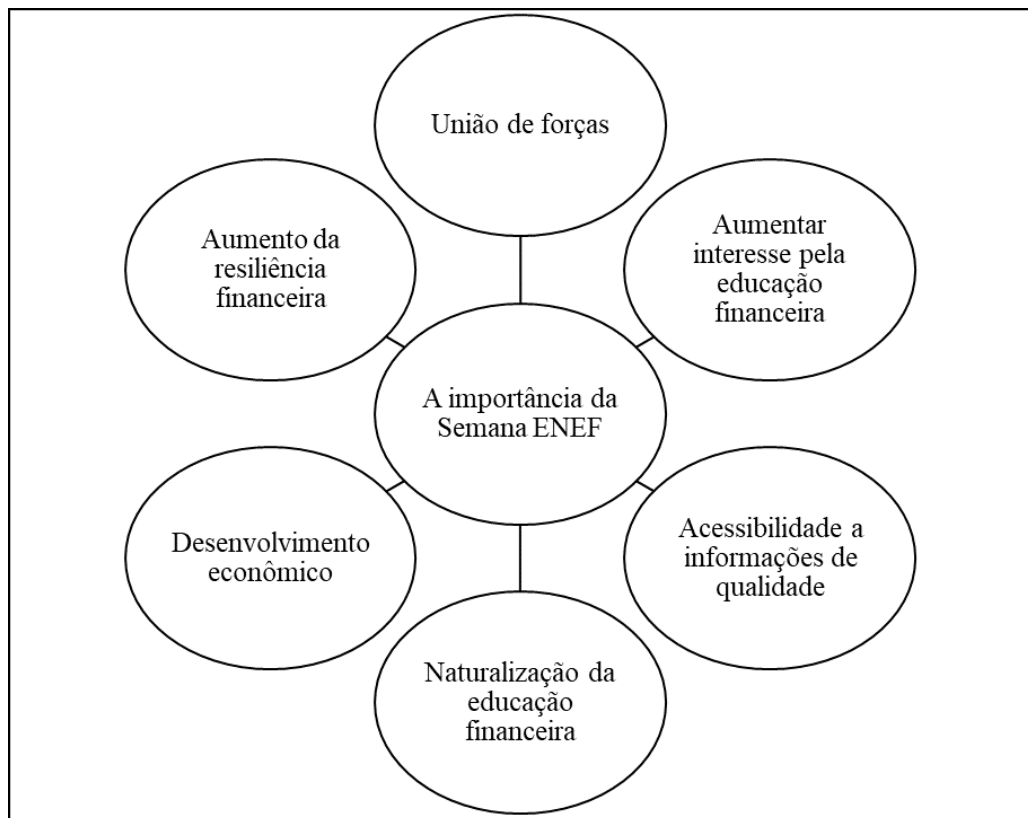
O feedback foi super positivo, até que a cooperativa teve cinco municípios e a cooperativa tem atuação em trinta e cinco municípios de Alagoas, Bahia e Sergipe. Pra você ter uma noção a cooperativa vai levar pras trinta e cinco agências pelo resultado do evento da semana ENEF. Eu acredito que esse é o maior feedback que que vem a ter... (E7).

Então, porém, assuntos que o pessoal se interessou e eu já tive feedbacks, inclusive, depois desse curso promovido, e as pessoas já mudaram, já estão conseguindo ter ganhos financeiros, inclusive, com a, com o conteúdo que a gente promoveu nessa semana. Então, foi bem bacana o feedback (E8).

4.2.5 A importância da Semana ENEF

Entender os resultados da Semana ENEF faz parte do objetivo dessa pesquisa. Durante as entrevistas foi discutido a importância e os benefícios trazidos pela Semana ENEF para a sociedade. Dentre as muitas falas dos entrevistados, a Semana ENEF traz um conjunto impactos para a população como demonstra a figura 8.

Figura 8 – A importância da Semana ENEF



Fonte: elaborado pelo autor.

Todos os entrevistados frisam como a semana ENEF é importante. Um dos motivos é a união de forças que contribui para melhores resultados do evento. E1 explica que um evento como esse, onde vários profissionais juntam forças, consegue ter um alcance bem maior. E8 explica que o evento incentiva que haja muitos profissionais trabalhando o tema ao mesmo tempo o que, dessa forma, gera mais impacto.

[...] eu acho, da gente realmente unir forças pra tá tendo resultado. Eu falo: uma andorinha só não faz verão, né. Eu tenho feito muitas parcerias, lives com outros profissionais da educação financeira e eu vejo que quanto mais a gente une nossas forças, né, mais a gente consegue alcançar esses resultados e atingir mais pessoas (E1).

[...] o longo desses anos e é justamente por isso, eu acho que é um evento que promove numa forma conjunta e isso eu vejo a principal importância que nós vemos diversas ações acontecendo ao mesmo tempo. Então, muitas pessoas falando desse assunto, sendo treinadas, capacitadas ao mesmo tempo, esse eu acho que é o principal ganho que ela traz (E8).

Outra característica relevante do evento é a o poder de sensibilização a respeito da importância do tema. Segundo E7, o evento tem um papel relevante no alerta da necessidade do uso de ferramentas e técnicas de gestão financeira, como orçamento, diagnóstico financeiro e reserva financeira. E7 e E8 falam ainda que a Semana ENEF tem o papel de alerta para os problemas financeiros que a sociedade passa, como endividamento, e frisar a importância de cuidar dessa área da vida das pessoas. Alinhado a isso, E8 salienta que não é o objetivo da Semana ENEF formar profundamente o participante quanto a assuntos financeiros, mas sim aumentar o interesse dele pelo tema. Lusardi, Michaud e Mitchell (2018) explicam que programas de curto prazo tendem a ser os menos efetivos, o que está alinhado com o entendimento dos entrevistados.

Então, essa semana é uma semana importante conscientizar as pessoas da importância de ter um orçamento, da importância de ter um diagnóstico financeiro, da importância de você ter uma reserva financeira pra realizar seus sonhos. [...] A importância é conscientizar, é pra dar um alerta nas pessoas lá, então além de mostrar mais a quantidade de brasileiros inadimplentes, a quantidade de brasileiros desempregados [...]. Então, essa que é a grande importância né, é sensibilizar o brasileiro para a importância de se ter a essa tão falada educação financeira (E7)

[...] Os pontos positivos é que começa a plantar uma sementinha de consciência, né? Nas pessoas que estão atentas e por isso que eu pego nessa questão da divulgação, aquelas que conseguiram ver alguma divulgação e diz: “Poxa! eu quero participar dessa live, eu quero participar dessa palestra, quero fazer nessa clínica financeira...” Essa pessoa, ela já foi de alguma forma sensibilizada na sua consciência de que é importante cuidar dessa área da vida, área financeira pessoal (E5)

E a semana ENEF ela veio justamente pra durante uma semana no ano, a gente ter diversas ações no Brasil, levando essa temática, pelo menos, dando aquela pulga atrás da orelha. Eu falo que é semana ENEF não é pra formar ninguém, não é aquela questão assim de que eu vou sair expert, nessa semana ENEF, mas é pra promover, muitas vezes, um primeiro contato (E8)

A Semana ENEF é um evento que tem algumas diretrizes, uma delas é que toda iniciativa cadastrada no evento deve ser gratuita. E4 argumenta que essa medida ajuda a tornar informações importantes e de qualidade acessíveis aos públicos que mais precisam dela, as pessoas com baixa educação formal.

[...] pra levar educação financeira pras pessoas, de forma geral e de forma gratuita, né? O princípio da ENEF é que todos os eventos tem que ser gratuito. (E11)

[...] conteúdo gratuito disponível pra um amplo público, né? Afinal de contas é isso que a gente tá fazendo, você joga no YouTube, tá disponível pra todo mundo. E isso faz com que você tenha uma democratização muito maior da informação. Então, acho que semanas como a semana ENEF, elas trazem pra um público que é um público que não tem uma formação de alto nível, elevado, um público que precisa dessa informação, uma democratização muito maior dessa informação que falta. (E4)

Como abordado anteriormente, para alguns dos entrevistados, uma das grandes barreiras par ao alcance de uma melhor alfabetização financeira na sociedade é a falta de naturalidade do tema finanças pessoais. E3 explica que um dos papéis da Semana ENEF é naturalizar o tema na vida do brasileiro, principalmente para aquelas que ainda não se interessam por ele.

[...] quanto mais pessoas começam a falar do assunto aquilo começa a ficar mais íntimo de você e você começa aceitar. Não é porque você assistiu o vídeo ou então uma live você sai de lá já sendo um mega entusiasta e fazendo realmente ações de investimento. Então, tem a sua importância, mas também tem que ser legal. É importante, ainda mais nas semanas como a semana ENEF. Eventos como esse que a gente vê muitas pessoas falando, eu acho que isso gera um impacto muito positivo, mas nesse sentido de naturalizar o assunto deixar as pessoas que talvez não escutem tanto sobre ele, que passaria a escutar, ele vai ser a portinha de entrada e a passos de formiga. (E3)

também tem eventos que são realizados em colégios, professores que se cadastram na semana ENEF, em colégio público e ser uma ação para incentivar a educação financeira dos alunos, projetos mais sociais, então isso daí é assim, é muito bom a semana ENEF para esse movimento de naturalização do assunto da educação financeira para todo tipo de pessoa do Brasil. (E3)

Outro ponto destacado nas entrevistas foi a exposição que o evento traz para a educação financeira e para quem trabalha com o tema. E6 salienta que a semana ENEF facilita o processo de levar educação financeira para as pessoas e ajuda a tornar mais visíveis ações de educação financeira.

[...] esse processo ele se torna mais fácil e se torna, digamos, um pouco mais chamativo, a partir do momento em que nós temos esses eventos sendo possibilitados por um calendário oficial [...] isso acaba atuando como um facilitador pra que, de alguma maneira, a gente também tenha um meio de exposição, né? (E6).

Segundo E5, a Semana ENEF, como uma grande ação de educação financeira, contribui para o alcance de uma sociedade mais educada financeiramente. Ela defende que uma população com mais conhecimento financeiro tende a elevar também o desenvolvimento econômico do País. Segundo o BCB (2017), a educação financeira pode ser importante para

estabilização dos sistemas financeiros dos países, uma vez que pessoas bem educadas financeiramente tendem a tomar decisões mais racionais

A semana ENEF, ela vem junto dos órgãos governamentais, no meu ponto de vista, né, contribuindo para o desenvolvimento de um país economicamente saudável, né? Então, participa sim da consciência da população e participa então do crescimento sustentável do país, que é uma grande diretriz do conselho monetário nacional, né? É, sancionar diretrizes é, das políticas governamentais que promovam essa conscientização e o desenvolvimento social e econômico do país. Então, acredito que uma sociedade economicamente educada, ela é capaz de também elevar o desenvolvimento do seu próprio país. (E5)

Para alguns entrevistados, a Semana ENEF ganhou uma importância especial devido ao contexto que surge com a pandemia e crise econômica. E10 explica que a educação financeira se tornou essencial nessa situação em que vivemos.

[...] ficou bem claro, assim, a importância de, da ENEF assim, é sempre importante todos os anos, mas esse ano tinha uma relevância especial, né? Por conta da, de todo esse momento que a gente tá vivendo. (E10)

[...] até antes da pandemia, a gente tinha educação financeira, quem sabe, como um diferencial. E hoje em dia, tu vê que é essencial. A gente passou de um diferencial pra essencial, né? Porque não, não é possível mais, ahm uma uma família se estruturar sem algum conhecimento de educação financeira, sem empregar isso no seu dia a dia. (E10)

Diante desse contexto, a organização do evento escolheu o tema “Resiliência financeira, como atravessar a crise?”. A escolha do tema também foi discutida durante as entrevistas. Para os entrevistados, o tema foi bem escolhido e adequado, uma vez que a crise de saúde e econômica impactam diretamente nas finanças das famílias.

[...] realmente, eu acho que é o momento que muitas pessoas, em função da pandemia, perderam renda, tiveram que realmente se adaptar e todos tiveram mudança na sua vida, então, ninguém passou ileso por isso e muitos tiveram um impacto significativo na parte financeira. Então, eu achei muito válido, sim, a questão da temática, o tema foi bem escolhido (E8)

Foi super acertado o tema, a gente vive um ano onde as pessoas perderam o emprego, perderam a renda, né? Quem não perdeu o emprego, pode ter tido redução de renda e então foi muito importante trabalhar esse tema. (E11)

[...] o tema foi perfeito e eu gosto muito, o tema foi perfeito. E eu gosto muito daquele conceito né... de você está preparado para as coisas novas, de você estar, ser adaptado a cenários diferentes, né... (E7)

E8 e E7 defendem ainda que pessoas educadas, ou alfabetizadas, como define a OECD (2013), tendem a estar mais preparadas para crise e assim conseguem passar por elas

sem sofrer tanto quanto as pessoas despreparadas. E10 ainda cita a reserva de emergência como estratégia que aumenta a resiliência financeira do indivíduo.

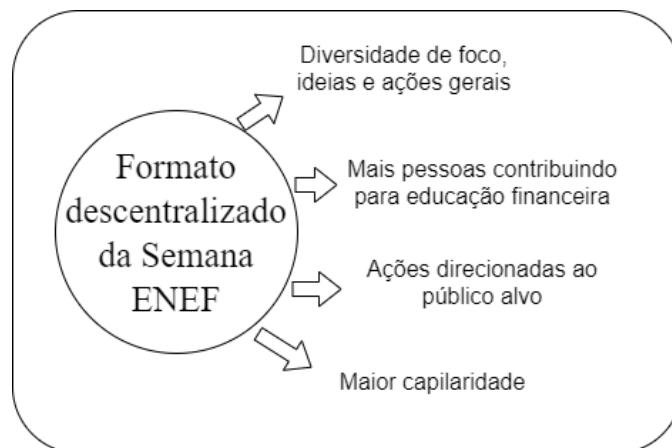
[...] eu achei que foi extremamente válido até pra chamar atenção do quanto há pessoas que eram educadas, pessoas que já tinham essa organização, já tinha todo um controle, o quanto passaram melhor pela crise do que aqueles que não tinham essa preparação. Então, acho que isso também é algo que tem passado também essa mensagem na semana. (E8)

Eu acho fez a total, quando se fala em um, na resiliência em educação financeira, a gente pensa logo em reserva de emergência. Então, acho que isso foi um divisor de águas aí de quem conseguiu se manter e daquelas pessoas que não conseguiram se manter, ou que tiveram que contar com a ajuda do governo. (E10)

4.2.6 O formato descentralizado do evento

A Semana ENEF é um evento realizado de forma descentralizada, ou seja, há uma organização central por parte do Governo Federal, representado pelo Banco Central, que lidera sua organização, entretanto, as iniciativas são realizadas por diversos entes e pessoas pelo país. Esse formato descentralizado foi um dos assuntos discutidos durante as entrevistas, levantando alguns pontos positivos dessa descentralização, conforme a figura 9.

Figura 9 – Pontos positivos da descentralização do evento



Fonte: elaborado pelo autor.

A descentralização é defendida devido a sua capacidade de diversificar as ações da Semana ENEF. E4 explica que esse formato de evento traz como vantagem o enriquecimento do evento devido a diversidade de foco, ideias e ações geradas. E5 cita que esse modelo permite a participação da própria sociedade. E8 defende a descentralização, uma vez que ela permite que a Semana alcance mais pessoas.

[...] Então, acho que, eu acho que a grande vantagem é ter uma diversidade de ideia, uma diversidade de foco, uma grande diversidade de ações, né, que geram inclusive esse ambiente mais rico (E4).

E eu gosto desse modelo descentralizado, porque permite a participação da própria sociedade (E5).

[...] a descentralização ela é fundamental pra que a semana ENEF cresça e chegue a mais pontos. Então, eu acho que ela é excelente isso de qualquer pessoa estar promovendo (E8).

A democratização do acesso à informação também é citada com um dos benefícios desse formato de evento. E2 fala que o evento acontecendo dessa forma permite que mais pessoas consigam contribuir com educação financeira, fazendo seu próprio trabalho.

Então, eu acho que.. que essa iniciativa de ser independente eu gosto bastante. Porque dá oportunidade pra mais pessoas, né, fazer o seu trabalho, que já tá fazendo aí, muitas vezes e.. e eu acho que é mais democrático também, né. Eu acho que fica mais democrático, sendo descentralizado (E2).

Um ponto muito relevante citado é o direcionamento das ações para os públicos alvos. French e McKillop (2016) frisam que os programas de educação financeira precisam entender a realidade do público alvo, sendo necessária abordagens e objetivos diferentes para as necessidades apresentadas por cada sociedade ou comunidade. Alinhada a isso, E10 cita essa descentralização como um ponto importante para o direcionamento das ações ao público alvo.

[...] acho que esse esse formato, assim, de várias pessoas, de toda parte do país pra poderem participar, dar um... flexibiliza a conversa e cada pessoa sabe qual é o seu público alvo e já direciona até a fala pra esse público alvo e também porque a educação financeira que eu preciso aqui como, as dos recursos e das cidades aqui no Rio Grande do Sul, é totalmente diferente da de vocês aí, por exemplo. E o que vai o nosso, o que a gente vai usar como ferramenta aqui, pode ser muito diferente do que se usa aí. Então, acho que essas iniciativas, assim, mais pulverizadas, facilitam isso, né, facilitam a questão da gente moldar pro público-alvo (E10).

A descentralização do evento também contribui para o alcance de mais pessoas. E11 defende que esse formato consegue criar mais capilaridade. E4 explica que a forma como é realizada a Semana ENEF contribui para o alcance de um público mais diverso.

É, eu acho que esse é o formato mais ideal pra gente conseguir criar capilaridade, né (E11)?

[...] então eu acho interessantíssimo essa descentralização. Até mesmo porque você consegue diversificar o público que tá assistindo e quem participa, né (E4)?

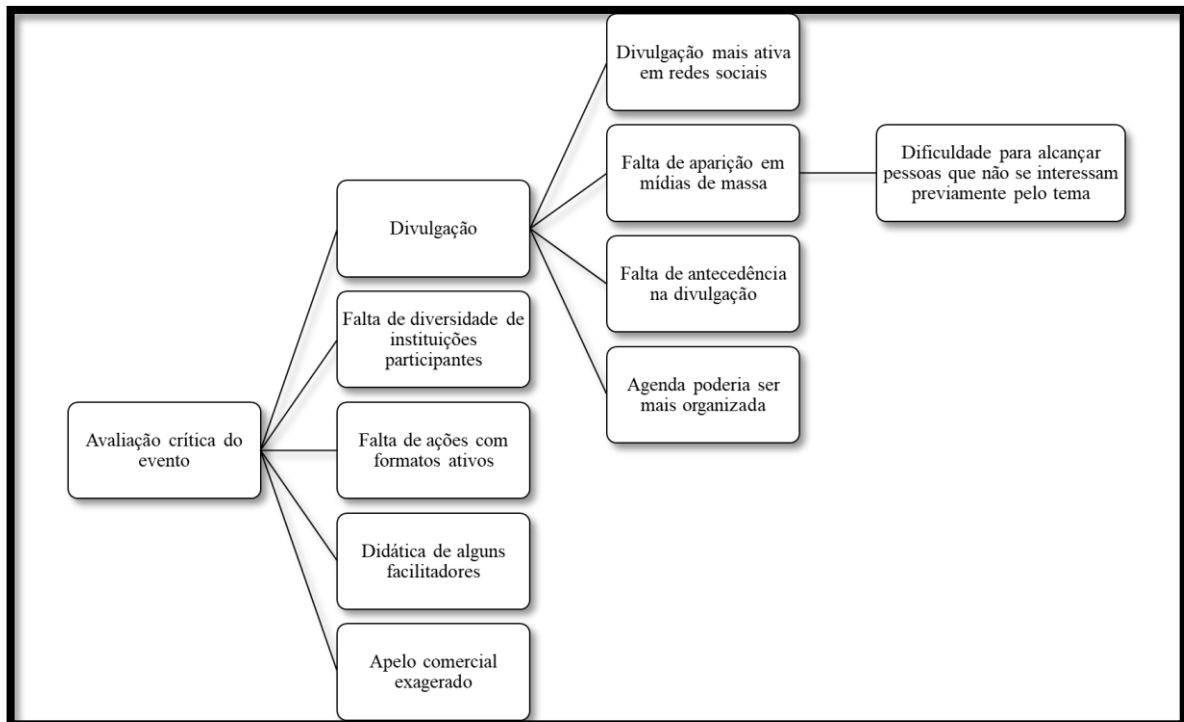
4.2.7 Avaliação crítica do evento

Além dos benefícios, pontos positivos e importância do evento, também é fundamental entender o que precisa ser melhorado, uma vez que é objetivo desse trabalho realizar a avaliação da Semana ENEF 2020. Dessa forma, entender a qualidade e relevância dos resultados das ações é uma das formas de alcançar o objetivo proposto nessa pesquisa. Sobre isso, E11 ressalta a relevância de entender os programas de educação financeira para o processo de aprendizado do que funciona e não funciona.

Então, você vê que assim. É uma construção, já li coisa em jornal de gente que deu entrevista dizendo “a educação financeira não funciona”. Só que não funciona porque ninguém nunca fez, né? E acho que assim, as pessoas que estão fazendo ainda estão passando pelo processo de aprendizado, do que que funciona? E de construção do que que funciona (E11)?

Foi discutido junto aos entrevistados diversos pontos que podem melhorar na Semana ENEF. O aspecto mais citado foi a divulgação do evento que para a grande maioria dos entrevistados deixa a desejar em alguns aspectos. Outros pontos também são salientados, como mostra a Figura 10.

Figura 10 – Pontos a melhorar do evento



Fonte: elaborado pelo autor.

Um dos aspectos mais citados por parte dos entrevistados durante a avaliação da execução do evento foi a gestão da divulgação do evento. E4 e E5 explicam que esperavam uma maior divulgação, principalmente por parte da organizadora.

Acho que a única crítica que eu faço, é, que talvez a gente poderia ter uma... e acho que não é uma crítica específica sobre a semana, é, mas eu acho que é uma crítica mais num cenário global é que eu acho que isso poderia ter sido mais veiculado. Eu vi uma veiculação muito mais das pessoas que estavam na minha rede social (E4).

Apesar de, não sei se eu já posso colocar os meus poréns aqui, apesar de achar que falta ainda uma organização maior, uma divulgação maior dessa iniciativa (E5).

Alguns entrevistados sugeriram que uma divulgação mais ativa em redes sociais por parte da própria organização seria uma forma de tornar a comunicação do evento mais efetiva. E1 explica que não tomou conhecimento de páginas oficiais do próprio evento. E4 sugere como melhoria para o evento que a organizadora centralize também a divulgação marcando iniciativas nas redes sociais para as impulsionar.

Eu acho que hoje em dia as pessoas estão muito nas redes sociais, Instagram Facebook, Youtube. E a ENEF, pelo menos, eu não achei o Facebook da ENEF, eu não achei Instagram da ENEF. Até achei o Instagram do Banco Central, mas da ENEF não tem, tampouco o Youtube da ENEF. [...] Porque hoje em dia cada vez menos as pessoas as pessoas estão vendo sites, né. As pessoas estão no whatsapp e nas redes sociais. Então eu acho que isso é uma grande oportunidade de melhoria ai (E1).

Um Instagram, o Facebook, um LinkedIn da semana ENEF, marcando esses participantes e cada vez mais impulsionando a divulgação, eu acho que você democratiza muito mais o público. [...] eu acho que seria interessante que você tivesse uma centralização e ficasse toda hora marcando, né? Então, aquela coisa, marca a pessoa, marca, faz a divulgação, porque isso cria um efeito multiplicador dentro dessa, né, desse público que pode ser atingido (E4).

Uma das principais críticas dos facilitadores quanto à divulgação do evento é a falta de aparição em mídias de massa como a televisão. E6 e E7 explicam que a divulgação por meio de mídias de massa como a televisão pode alcançar os públicos menos favorecidos e que ainda não estão inseridas no meio digital.

Eu acho que precisaria talvez de um investimento maior, de mídias, né, de muita massa, né, apesar da gente estar se digitalizando, a televisão ainda é um meio de promoção, né? De chegarem as informações para muitas pessoas (E6).

[...] os pontos que eu vejo, assim, que precisam ser melhorados, eu ainda acho que precisa ser melhorado a questão de divulgação, e aí, eu falo de divulgação, a divulgação em mídia de massa mesmo, é pegar aquelas classes menos favorecidas e muitas vezes não têm acesso à internet (E7).

Para E10, o evento tem dificuldades para alcançar pessoas que não se interessam previamente pelo tema. Para ela, o real público alvo não é efetivamente alcançado pela Semana ENEF. Isso pode estar relacionado com a falta de divulgação em mídias de massa e a dependência da divulgação pelas próprias organizadoras de iniciativas, em redes sociais.

Foi a primeira vez que eu acompanhei assim de forma mais ativa, participando com alguma... eu participando e também eu observando outros, outros participantes, né? Que quem tá aí, que quem se interessa mesmo por isso é o pessoal que já trabalha com educação financeira e não o público alvo. Talvez por ela ter sido online, é a impressão que eu tenho é essa. Que já era o pessoal que se interessa por isso e não que tenha atingido o pessoal lá na ponta que é quem precisa (E10).

Outro ponto citado por E6 foi a falta de antecedência na divulgação do evento. Ele explica que, apesar de saber que o evento ocorre anualmente, só tomou conhecimento do acontecimento uma semana antes. No ano de 2020, devido a pandemia causada pelo novo coronavírus, o evento foi adiado de maio para o segundo semestre, definindo a data exata somente no fim de setembro de 2020.

[...] eu vejo que eu, né, particularmente né, apesar de saber que tem todo ano a semana ENEF, eu fiquei sabendo uma semana antes que eu iria participar, que iria sair nesse calendário e que nós iremos fazer esse evento, né (E6)?

Por fim, ainda sobre a divulgação do evento, E1 e E6 citam que a agenda poderia ser melhor organizada. E1 explica que teve dificuldade de encontrar o próprio evento cadastrado na agenda oficial do site da Semana ENEF. E6 sugere que uma programação central, com as principais ações sendo divulgadas, poderia potencializar e facilitar a identificação dessas iniciativas.

[...] entrei lá e eu não identifiquei na agenda, aquela agenda oficial. Então eu acho que isso precisaria ser melhorado. Não sei como eles poderiam montar um processo que desse pra difundir todas as iniciativas que estão rolando. E eu achei que foi muito pouco divulgado (E1)?

[...] houver talvez uma comunicação, numa estrutura, tiver uma programação central, patrocinada pelo governo, patrocinada pelo Banco Central e outras programações ali no redor, acho que talvez se isso pudesse chamar mais atenção (E6)?

Além da divulgação do evento, os entrevistados citaram diversos pontos de melhoria para o melhor acontecimento da Semana ENEF. E3 cita como limitação a falta diversificação dos tipos de instituições que participam, que se limita, muitas vezes, a instituições financeiras.

Acredito que se a semana ENEF expandisse pra instituições não financeiras, seria muito interessante se a gente pudesse ver a Magazine Luiza, o Facebook, ou a Globo, qualquer (inaudível) entrando também nesse projeto semana ENEF seria muito útil, muito útil (E3)?

Além disso, E3 sugere que a Semana ENEF poderia ter melhores resultados caso tivesse mais ações com formatos ativos. Para ele, essas metodologias em que o participante tem um papel menos passivo do que em iniciativas expositivas podem causar mais impacto.

Talvez em fazer é... tentar lembrar aqui a palavra, fazer desafios, fazer competições, fazer alguma coisa que comece na segunda e termine no domingo da semana ENEF, e no final não sei, o que poderia ser feito. Mas sabe, coisas que botasse as pessoas pra botar a mão na massa e pensar a vida financeira delas (E3).
[...] fazer mais coisas assim e que sejam menos expositivas e mais ativas, é algo que vai causar bastante impacto, principalmente se for em grupo (E3).

E3 ainda cita a falta de didática que muitos especialistas do mercado financeiro têm ao passar conteúdos sobre educação financeira. Para ele, esses especialistas apesar de terem cargos elevados no mercado, têm dificuldades em passar o conteúdo de maneira divertida. É interessante ressaltar, como citado anteriormente, que E3 defende que uma das principais barreiras para a alfabetização financeira da população é que as finanças pessoais não são um assunto natural para boa parte dela.

[...] maioria das especialistas são pessoas do mercado financeiro, e aí vou ser bem franco aqui, aproveitar um telemarketing, em que eles acabam não sendo muito didáticos, as pessoas de direção, de cargos elevados e muitos especialistas, você consegue contar nos dedos daquelas que conseguem falar de uma maneira leve do assunto, de uma maneira em que é você é até divertida, é um pouco difícil de você conseguir achar isso (E3).

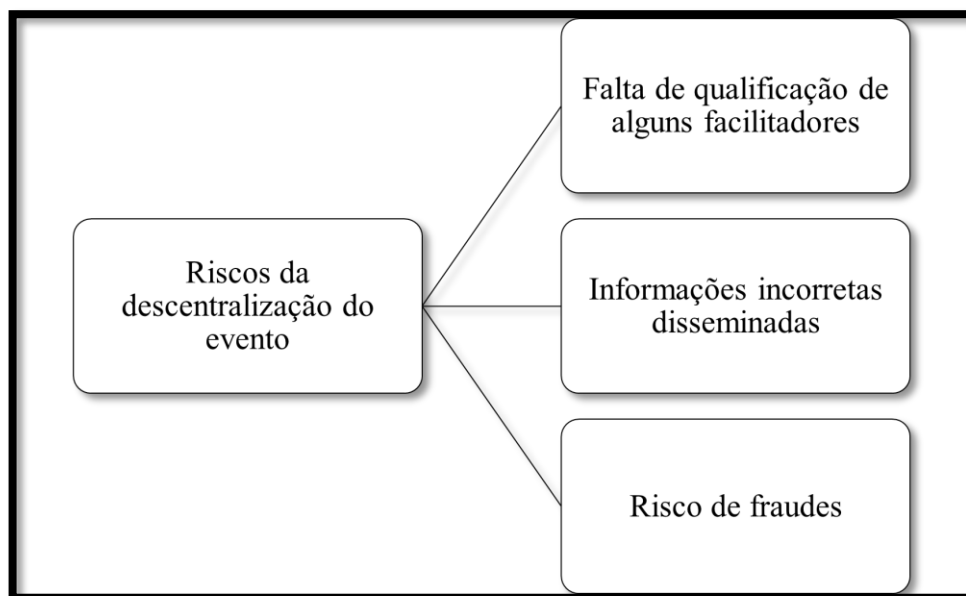
Para alguns entrevistados ainda há um exagerado apelo comercial de algumas instituições participantes da Semana ENEF. E7 cita que é proibido pela organização da Semana ENEF a propaganda de produtos, mesmo assim, a orientação não é respeitada por alguns participantes. E11 fala do objetivo que o evento tem de ser isento. Essa é justamente uma das críticas que Cunha (2020) faz, quando fala que a educação financeira, por vezes, cai no mesmo problema da educação geral, em que as diretrizes do que deve ser aprendido é definido para servir o poder do capital e não para beneficiar o cidadão.

[...] olha que a semana ENEF é proibido fazer propaganda de produtos, tem que ser neutra, a instituição tem que ser neutra. Mas a gente enxerga que muitas das organizações que participam dos eventos que são participados, tem um apelo comercial muito grande é... (E7).

[...] a semana ENEF ela tem que ser uma coisa isenta, uma educação financeira isenta, nem todas as pessoas que participam hoje da semana ENEF respeitam isso, mas, ela nasceu com esse intuito, tá? De levar educação financeira de forma ampla e aberta para as pessoas (E11).

Apesar de ser praticamente unânime que o formato descentralizado é o mais positivo para o evento, os entrevistados alertam alguns pontos de risco dessa forma de organização, como resume a Figura 11.

Figura 11 – Riscos da descentralização do evento



Fonte: elaborada pelo autor.

Os entrevistados citam a falta de qualificação de alguns facilitadores como ponto negativo causado pela descentralização E8 cita que, além da falta de conhecimento de alguns facilitadores, há também a questão promoção pessoal e venda de produtos durante a semana.

A minha preocupação é justamente neste sentido. E muitas vezes a gente pode ter sim pessoas que não tem o conhecimento adequado ou usem da semana ENEF que é uma ação gratuita para promoção pessoal, para a venda daqui um pouco de cursos, para tentar vender um COE da vida pra alguém. Então, o que que acontece? A minha preocupação, em função também, desvantagem dessa descentralização é que qualquer pessoa qualificada ou não pode se inscrever e promover ações (E8).

E7 explica que algumas instituições se sobrecarregam, pois se propõem a fazer mais eventos do que são capazes de executar. Isso é refletido em colaboradores despreparados responsáveis por falar de educação financeira. E11 critica educadores financeiros com

formações duvidosas. Para ela, esses educadores financeiros passam a viver da educação financeira mesmo sem a credibilidade de estar passando informações realmente corretas.

[...] algumas instituições que querem fazer muito evento e aí não tem braço para todos os eventos e aí eles mandam colaboradores despreparados para falar sobre educação financeira. E aí, num evento que era pra levar informação, para levar segurança pras pessoas e tentar mudar o mindset financeiro das pessoas se esbarra às vezes no despreparo de quem tá participando das ações. [...] quando você passa insegurança no seu discurso às vezes põe, todo aquele projeto foi rasgado (E7).

Qualquer pessoa faz um cursinho de, sei lá, algumas horas na internet e se intitula educador financeiro e vende cursos, né? E as pessoas vivem de vender cursos e vivem de vender livros e não necessariamente o conteúdo que elas tão passando é o conteúdo correto (E11).

Ainda sobre a falta de qualificação dos educadores que participam da semana, E5 alerta para o risco de fraudes. Para ele o imediatismo presente na sociedade é um dos pontos de ataque para esses profissionais que vendem soluções mágicas.

[...] alguns influenciadores, profissionais que querem levar de alguma forma ao público essa informação e isso provoca também, fica no limiar da deseducação, tá? Fica no limiar da deseducação. E a evidência disso é o número de fraudes que aumentam no país, pessoas acreditando em soluções mágicas pra ganhar dinheiro, rápido, né? Então, surge um imediatismo na sociedade que não existe, né (E5).

Sobre a organização do evento, os entrevistados também citaram o cadastro na plataforma como um ponto que pode ser mais bem desenvolvido. E1 ressalta a dificuldade encontrada para o cadastro da iniciativa no site. E8 explica que não conseguiu cadastrar exatamente o formato da sua iniciativa na plataforma oferecida pela organizadora.

E o que eu acho que precisaria ser melhorado... Eu tive bastante dificuldade no site deles pra cadastrar as minhas atividades, né (E1).

[..] um ponto de melhoria e um outro ponto assim que eu senti falta, que na verdade tive, inclusive, problemas ao cadastrar esse ano, é a questão da plataforma. Quando, por exemplo, assim, vou te dar um exemplo. Eu fiz o nosso, a nossa ação nessa semana foi um curso promovido durante toda a semana. Então, como ele era um curso que tinha aulas, assíncronas, tinha aulas que eram gravadas, conteúdos gravados e outros eram encontros síncronos, acontecia que eu não consegui lançar exatamente essa forma de ação, porque eu não tinha essa possibilidade, em colocar um horário de início, um horário de término e não o dia todo. (E8).

4.3 Convergência dos resultados

Neste tópico, os dados coletados a partir das análises documentais e entrevistas aplicadas com facilitadores serão sintetizados de acordo com as convergências, os aspectos

destacados, as contradições e as possíveis limitações da visão dos entrevistados. O objetivo principal deste tópico é realizar uma discussão que busque responder ao objetivo proposto na pesquisa: avaliar os resultados do programa de educação financeira de iniciativa do governo federal: Semana ENEF.

Os onze facilitadores entrevistados apresentam diversos níveis de experiência prévia. Isso indica que a Semana ENEF é um evento democrático na qual é possível haver participação de qualquer tipo de profissional, desde um doutor em economia até um especialista em comunicação. Pode ser consequência disso a possível falta de qualificação de alguns facilitadores, crítica que foi levantada por alguns entrevistados. U.S Financial Literacy and Education Commission (2020) explica que a falta de padronização da qualificação dos facilitadores pode impactar negativamente nos resultados

As causas dos problemas financeiros foram discutidas. Esse tema é importante para a pesquisa pois demonstra a visão dos facilitadores a respeito das causas dos problemas que eles estão buscando enfrentar com a educação financeira. Várias causas foram apontadas, as quais muitas delas são indicadas também pela literatura anterior, o que demonstra um bom conhecimento do assunto pelos facilitadores. Entretanto, uma das causas mais importantes para problemas financeiros, a renda, não foi mencionada (CAMPARA; VIEIRA; CERETTA, 2016; PEÑALOZA; PONTES; OLIVEIRA, 2018).

Isso é preocupante, uma vez que, como Kaiser e Menkhooff (2017) alertam, em grupos naturalmente problemáticos em suas decisões financeiras, como pessoas de baixa renda, a educação financeira tende a ser um processo menos eficaz. Dessa forma, a falta de consciência aparente dos facilitadores a respeito do impacto desse aspecto nos resultados de ações de educação financeira pode ser uma limitação para a eficácia das iniciativas educacionais.

Outro tópico levantado foi a importância da educação financeira. Essa discussão foi importante para entender as expectativas dos facilitadores quanto ao impacto do trabalho da educação financeira em geral. Para os entrevistados a educação financeira é importante em áreas que vão desde a economia nacional até problemas de saúde mental.

Dentro desse tópico, um dos pontos bem discutidos foi a inclusão da temática na Base Nacional Comum Curricular, que segundo os entrevistados, servirá para mudar a situação da gestão financeira pessoa dos brasileiros a médio e longo prazo. Essa visão dos entrevistados permite entender que os facilitadores acreditam na educação financeira como instrumento de mudança da sociedade a longo prazo.

Ainda sobre esse assunto, também foi incluso o questionamento sobre a efetividade da educação financeira. A maior parte dos entrevistados acredita que a educação financeira,

focada no comportamento tende a ser mais efetiva. Essa linha de pensamento está de acordo com pesquisas realizadas anteriormente, como a de French e Mckillop (2016), que indicaram essa tendência.

Dessa forma, boa parte dos facilitadores pesquisados trabalhara o aspecto do comportamento de alguma forma ou abordagem dentro de suas iniciativas, o que indica uma maior tendência de efetividade nas ações. Isso é uma propensão já identificada anteriormente por Amagir et al. (2017), que identificou que os programas de educação financeira buscam incluir a abordagem focada em habilidades, além do simples conhecimento técnico.

4.3.1 Avaliação da Semana ENEF

A importância e avaliação da Semana ENEF foi o principal foco das entrevistas. Para os entrevistados a Semana ENEF contribui para o aumento da visibilidade do tema educação financeira. Para a maioria dos entrevistados o impacto do evento está em alertar, aumentar o interesse e naturalizar o tema. Eles também se mostram cientes da limitação da educação financeira de curta duração, como ocorre na Semana ENEF.

A limitação da efetividade de programas de educação financeira curto prazo é indicada também pelo estudo de Lusardi, Michaud e Mitchell (2018). Assim, é possível entender a partir das falas dos entrevistados e do estudo citados que a Semana ENEF têm baixa capacidade de mudar a imediata realidade da gestão financeira pessoal da sociedade, ao mesmo tempo em que tem grande papel na conscientização da população frente a necessidade de se educar financeiramente.

A Semana ENEF 2020 também se destacou na escolha do seu tema: Resiliência financeira, como atravessar a crise? Para os entrevistados o tema foi extremamente adequado frente a situação econômica vivida no país. Entende-se que o tema escolhido foi adequado e contribuiu para elevar a importância da Semana ENEF 2020 dentro de um cenário de pandemia mundial.

Ao avaliar o formato descentralizado do evento, foi constatado, a partir da unanimidade dos entrevistados, que é o melhor formato a ser adotado. Este formato traz como vantagem a democratização do evento e um alcance consideravelmente maior do que um possível formato de evento com execução centralizada pela organizadora da Semana ENEF. Outro ponto importante é o direcionamento das ações aos públicos alvos. O entendimento do público alvo e direcionamento das iniciativas a ele são requisitos para um programa de educação financeira eficaz (LUSARDI, 2019).

Apesar disso, foram constatados riscos surgidos pela adoção desse formato. A falta de qualificação de alguns facilitadores, informações incorretas disseminadas e riscos de fraudes são os principais pontos apontados pelos entrevistados. Apesar disso, entende-se que, mesmo com os riscos citados, o formato é o mais adequado, principalmente entendendo que a Semana ENEF é um evento que busca a conscientização do maior número de pessoas quanto a importância da educação financeira.

Por fim, um dos aspectos mais importantes discutidos nas entrevistas foi a avaliação do evento por parte dos facilitadores. Muitos pontos a melhorar foram citados, como a falta de diversidade de instituições participantes, falta de ações com formatos ativos, didática de alguns facilitadores e apelo comercial exagerado em algumas iniciativas. Entretanto, a característica citada mais vezes foi a comunicação.

A presença insuficiente em redes sociais, agenda de iniciativas desorganizada, falta de antecedência na divulgação do evento foram pontos que podem ter enfraquecido o evento. Mas a falta de aparição em mídias de massa como a televisão pode ter dificultado bastante o alcance do público alvo: pessoas que não se interessam previamente pelo tema educação financeira, público que é mais difícil de ser alcançado pelas mídias sociais.

Na análise documental, foi identificadas publicações pontuais nas páginas dos organizadores (BCB, 2020a; BCB, 2020b; SUSEP, 2020). Porém, entende-se, alinhado a visão dos facilitadores, que esse tipo de divulgação é insuficiente para atingir pessoas que não se interessam pelo assunto.

Levando em consideração publicação da U.S Financial Literacy and Education Commission (2020) que lista as melhores práticas em educação financeira para o alcance da eficácia, foi realizada uma análise comparativa entre as boas práticas sugeridas e as práticas observadas na Semana ENEF. São oito boas práticas apontadas pelo estudo. A partir dos dados coletados, análises realizadas foi avaliada cada uma dessas práticas em três resultados possíveis: I) não atende; ii) atende parcialmente; III) atende satisfatoriamente. Quatro práticas foram avaliadas com “atende satisfatoriamente”, três com “atende parcialmente” e só uma com “não atende”. Esse resultado demonstra que a Semana ENEF, apesar de apresentar importantes pontos a se desenvolver, é um programa de educação financeira satisfatório.

Quadro 5 – Análise de boas práticas observadas

Prática	Análise
Conheça os indivíduos e famílias atendidos.	Atende satisfatoriamente, uma vez que as ações são direcionadas ao público de cada facilitador.
Forneça informações acionáveis, relevantes e oportunas.	Atende satisfatoriamente, uma vez que o evento contribui para democratização do acesso à informação e foi capaz de inserir no evento temas atuais como resiliência financeira.
Melhore as principais habilidades financeiras.	Atende parcialmente, uma vez que eventos de curta duração são apontados como pouco eficazes em alcançar mudanças de hábitos
Facilite a boa tomada de decisão e aderência aos programas	Atende satisfatoriamente, uma vez que a Semana ENEF entrega informações de fácil acesso e busca preparar os participantes para tomada de decisão.
Desenvolva padrões para educadores financeiros.	Atende parcialmente, uma vez que de acordo com a pesquisa há facilitadores preparados e despreparados participando do evento. Também é apontado que não há padrões claros e realmente aplicados quanto à participação de facilitadores.
Forneça suporte contínuo.	Não atende, uma vez que a Semana ENEF tende a focar em ações únicas concentradas em uma só semana. Não foi identificado acompanhamento a médio e longo prazo dos participantes.
Avalie o impacto da ação.	Atende parcialmente, pois a organização do evento mensura os resultados quantitativos do evento anualmente e os publica por meio de relatórios de resultado. Apesar disso, a avaliação do impacto não é aprofundada no que diz respeito avaliação de satisfação dos participantes, facilitadores e organizações que participam.
Trabalhe a motivação	Atende satisfatoriamente, uma vez que as ações da Semana ENEF em sua maioria focam no aspecto comportamental, muitas vezes abordando esse aspecto motivacional.

Fonte: adaptado de U.S Financial Literacy and Education Commission (2020).

5 CONCLUSÃO

Esta dissertação buscou avaliar os resultados do programa de educação financeira: Semana ENEF. O alcance da compreensão dos resultados da Semana ENEF pode contribuir para o entendimento em profundidade da eficácia de programas de educação financeira além de permitir que os organizadores do evento detenham mais informações no planejamento da continuidade e melhoria dessa e de outras ações.

O primeiro objetivo específico da dissertação foi mapear as ações promovidas e cadastradas na Semana ENEF 2020. Esse objetivo foi parcialmente cumprido uma vez que os dados não foram divulgados em relatório de resultados até o momento de finalização dessa dissertação. Apesar disso, foi buscada outras fontes de dados números relativos aos resultados do evento. Um dos pontos identificados foi a divulgação insuficiente para atingir o público que ainda não se interessa pela educação financeira. Apesar disso, os primeiros dados divulgados apontam o sucesso do evento no que diz respeito a número de ações realizadas.

O segundo objetivo específico foi entender, a partir da visão dos facilitadores, o funcionamento e os resultados gerados pela Semana ENEF. Entende-se esse objetivo como cumprido uma vez que as entrevistas em profundidade conseguiram captar de forma ampla a visão dos entrevistados quanto aos resultados da Semana ENEF. As entrevistas realizadas permitiram entender a importância de uma ação como a Semana Nacional de Educação Financeira e qual seria o impacto dela na sociedade. Apesar disso, também foi identificado alguns pontos a melhorar, sendo destacado a falta de divulgação de massa.

O terceiro objetivo específico foi avaliar Semana ENEF a partir dos dados coletados. Esse objetivo foi cumprido na análise convergente dos dados que buscou, a partir da totalidade de informações colhidas, avaliar a Semana ENEF como programa de educação financeira. A partir dessa análise é possível entender que a Semana ENEF é um programa de educação financeira de curto prazo, dessa forma, é um tipo que não deve conseguir impactar eficazmente a alfabetização financeira do indivíduo. Entretanto, entende-se que o programa tem grande importância em propagar o tema para a sociedade uma vez que é uma ação com grande número de pessoas atingidas, mais de 70 milhões de pessoas atingidas só em 2019, por exemplo (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL, 2019).

Frente a essa constatação, um ponto citado pela pesquisa chama atenção: a divulgação insuficiente, principalmente em mídias de massa. Entende-se que a divulgação pontual nas páginas oficiais dos organizadores da Semana ENEF e dos próprios facilitadores não é suficiente para atingir o público que não acompanha previamente temas relacionados a

finanças pessoais. Dessa forma a divulgação em mídias de massa é extremamente necessário para ampliar o público para essa camada.

O programa de educação financeira Semana ENEF teve alguns outros pontos a melhorar apontados pelos facilitadores como a falta de diversidade de instituições participantes, falta de ações com formatos ativos, didática de alguns facilitadores, apelo comercial exagerado em algumas iniciativas, desqualificação de alguns profissionais participantes.

Apesar disso, a Semana ENEF pôde ser avaliada como um programa de grande contribuição para o desenvolvimento da educação financeira e alfabetização financeira da população. São pontos positivos desse programa I) o seu formato descentralizado, que permite maior capilaridade e direcionamento das iniciativas; II) a união de forças de diversas entidades e profissionais, o que permite aumentar o impacto da ação; e III) a gratuidade das iniciativas, democratizando o acesso à informação de qualidade.

Como contribuição gerencial entende-se que essa dissertação pode apoiar a tomada de decisão da organização do evento no que diz respeito ao planejamento de novas versões da Semana Nacional de Educação Financeira. É também uma possibilidade que as informações expostas nesse trabalho possam ser usadas no planejamento de outras políticas de educação financeira.

Em relação a contribuição teórica esse trabalho apoia a construção da literatura a respeito da avaliação eficácia de programas de educação financeira. Avaliações de programas de educação financeira ainda são escassas conforme explicam Messy e Manticone (2016). Apesar disso, essas avaliações são importantes para construção de diretrizes mais robustas para planejamentos de programas de educação financeira (UNITED STATES FINANCIAL LITERACY AND EDUCATION COMISSION, 2020).

Como limitações desse estudo entende-se que as fontes de dados foram escassas. Conforme explica Yin (2001), pesquisas do tipo estudo de caso necessitam de múltiplas fontes de dados para o alcance do entendimento do objeto de diferentes prismas. Dessa forma, sugere-se que em estudos posteriores que busquem a avaliação de uma política de educação financeira essa maior diversidade nas fontes de dados seja alcançada. Como temas pertinentes para pesquisas posteriores sugere-se o estudo da eficácia da implantação da educação financeira nas escolas, ação apontada como extremamente importante, mas também questionada quanto a seus resultados.

REFERÊNCIAS

- AMAGIR, A. *et al.* A review of financial-literacy education programs for children and adolescents. **Citizenship, Social and Economics Education**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 56-80, jan. 2018.
- ALMENBERG, J.; DREBER, A. Gender, stock market participation and financial literacy. **Economics Letters**. [s. l.], v. 137, n. 1, p.140-142, jan. 2015.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS. **Raio X do investidor brasileiro - 2ª edição**. [S. l.]: ANBIMA, 2019. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2019. Acesso em: 09 jun. 2020.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA DO BRASIL. **Resultados integrais 6º Semana Nacional de Educação Financeira**. [S. l.]: AEF, 2019. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/Relatorio-Semana-ENEF-2019.pdf>. Acesso em: 03. mar. 2020.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Série Cidadania Financeira: estudos sobre educação, proteção e inclusão**. 5. ed. Brasília: Banco Central do Brasil, 2017. Disponível em: http://www.bcb.gov.br/nor/relicfin/serie_cidadania_financeira_pesquisa_infe_br_%200443_2017.pdf. Acesso em: 2 mar. 2020.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Agenda BC: 7º semana ENEF realiza milhares de ações**. 2020b. Notícias. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/detalhenoticia/504/noticia>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Instagram**: perfil oficial do Banco Central do Brasil. [S. l.]: BCB, 2020a. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BRASIL. Decreto n.10.393, de 9 de junho de 2020. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 jun. 2020. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm. Acesso em: 12 fev. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 nov. 2019.
- CAMPARA, J. P.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Entendendo a atitude ao endividamento: fatores comportamentais e variáveis socioeconômicas o determinam?. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 5-24, jan. 2016.

CLARK, R.; LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. **Employee financial literacy and retirement plan behavior**: a case study - NBER Working Paper, n. 21461. [S. l.]: NBER, 2015. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w21461>. Acesso em: 21 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor – Abril, 2020**. [S. l.]: CNC, 2020. Disponível em: <http://cnc.org.br/editorias/economia/pesquisas/pesquisa-de-endividamento-e-inadimplencia-do-consumidor-peic-abril-de>. Acesso em: 09 jun 2020.

COSTA, F. L.; CASTANHAR, J. C. Avaliação de programas públicos: desafios conceituais e metodológicos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 5, p. 969-992, out. 2003.

CUNHA, M. P. O mercado financeiro chega à sala de aula: educação financeira como política pública no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, n. 1, p. 1-12, jan. 2020.

DONADIO, R.; CAMPANARIO, M. A.; RANGEL, A. S. O papel do da alfabetização financeira e do cartão de crédito no endividamento dos consumidores brasileiros. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 1-9, jan. 2012.

FERNANDES, D.; LYNCH JUNIOR, J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial literacy, financial education, and downstream financial behaviors. **Management Science**, [s. l.], v. 60, n. 8, p. 1861-1883, ago. 2014.

FLORES, S. A. M.; CAMPARA, J. P.; VIEIRA, K. M. Propensão ao endividamento no município de Santa Maria (RS): análise da influência da educação financeira e de variáveis demográficas. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIPAMA, 4., 2012, São Borja. **Anais [...]** São Borja: SIEPE, 2012.

FÓRUM BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **Semanaenef**: 7º Semana Nacional de Educação Financeira. [S. l.]: FBEF, 2021. Disponível em: <https://semanaenef.gov.br/>. Acesso em 12 fev. 2021.

FRENCH, D.; MCKILLOP, D. Financial literacy and over indebtedness in low-income households. **International Review of Financial Analysis**, [s. l.], v. 48, n. 1, p. 1-11, jan. 2016.

GARCIA, M. Financial education and behavioral finance: new insights into the role of information in financial decisions. **Journal of Economic Surveys**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 1-24, jan. 2011.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2004. cap. 1, p. 8-21.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

HOFMANN, R. M.; MORO, M. L. F. Educação matemática e educação financeira: perspectivas para a ENEF. **Zetetike**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 37-54, fev. 2013.

- HOGARTH, A.; HILGERT, M. Household financial management: the connection between knowledge and behavior. **Federal Reserve Bulletin**, [s. l.], v. 89, n. 7, p. 309-322, jul. 2003.
- HUSTON, S. J. Measuring Financial Literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, [s. l.], v. 44, n. 2, p. 1-9, fev. 2010.
- KAISER, T.; MENKHOFF, L. **Does financial education impact financial literacy and financial behavior, and if so, when ? olicity Research working paper no. WPS 8161**. Washington: World Bank Group, 2017.
- KUNKEL, F. I. R.; VIEIRA, K. M.; POTRICH, A. C. G. Causas e consequências da dívida no cartão de crédito: uma análise multifatores. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 169-182, fev. 2015.
- LUSARDI, A.; MICHAUD, P.; MITCHELL, O. Assessing the impact of financial education programs: A quantitative model. **Economics of Education Review**, [s. l.], v. 78, n. 10, p. 18-29, out. 2018.
- LUSARDI, A.; MITCHELL, O. Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for financial education. **Bus Econ.**, [s. l.], v. 42, n. 1, p. 35-44, jan. 2007.
- LUSARDI, A.; MITCHELL, O. **How ordinary consumers make complex economic decisions: Financial literacy and retirement readiness NBER Working Paper no. 5350**. [S. l.]: NBER, 2009.
- LUSARDI, A.; MITCHELL, O. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, [s. l.], v. 52, n. 1, p. 5-44, jan. 2014.
- LUSARDI, A. Financial literacy: do people know the ABCs of finance? **Public Understanding of Science**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 260-271, mar. 2015.
- LUSARDI, A. Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications. **Swiss J Economics Statistics**, [s. l.], v. 155, n. 1, p. 1-9, jan. 2019.
- MAMAN, D.; ROSENHEK, Z. Facing future uncertainties and risks through personal finance: conventions in financial education, **Journal of Cultural Economy**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 303-317, mar. 2019.
- MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. São Carlos: UFSCar/ONEESP, 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1430052-Consideracoes-sobre-a-transcricao-de-entrevistas-1-eduardo-jose-manzini.html>. Acesso em: 12 fev. 2021.
- MESSY, F.; MONTICONE, C. Financial education policies in Asia and the Pacific. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, Paris, v. 1, n. 40, p. 1-12, jan. 2016.
- METTE, F. M. B.; MATOS, C. A. Uma análise bibliométrica dos estudos em educação financeira no Brasil e no mundo. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 46-63, jan. 2016.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Financial literacy and inclusion**: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender. [S. l.]: OECD Publishing, 2013. Disponível em: http://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/TrustFund2013_OECD_INFE_Fin_Lit_and_Incl_SurveyResults_by_Country_and_Gender.pdf. Acesso em: 25 abr. 2019.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **PISA 2015 Results in Focus**. [S. l.]: OECD Publishing, 2018. Disponível em: <http://www.oecd.org/pisa/pisa-2015-results-in-focus.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2020.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Money matters**: ensuring financial well-being, trends shaping education Spotlights, n. 20. [S. l.]: OECD Publishing, 2020. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/money-matters-e163b50e-en.htm>. Acesso em: 08 mar. 2021.

PEÑALOZA, V.; PONTES, M. D. M.; OLIVEIRA, C. I. O outro lado do consumo: endividamento na terceira idade – um estudo sobre percepção do idoso cearense do endividamento. In: SEMINÁRIOS DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 21., São Paulo, 2018. **Anais [...]** São Paulo: USP, 2018.

RAMOS, M. P.; SCHABBACH, L. M. O estado da arte da avaliação de políticas públicas: conceituação e exemplos de avaliação no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 5, p. 1271-1294, out. 2012.

RIBEIRO, C. A. *et al.* Finanças pessoais: análise dos gastos e da propensão ao endividamento em estudantes de administração. In: SEMINÁRIOS DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 11., São Paulo, 2009. **Anais [...]** São Paulo: USP, 2009.

RIBEIRO, R. F.; LARA, R. O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, v. 1, n. 126, p. 340-359, jan. 2016.

ROBSON, J.; FARQUHAR, J. D.; HINDLE, C. Working up a debt: students as vulnerable consumers. **Journal of Marketing for Higher Education**, [s. l.], v. 27, n. 2, p. 274-289, out. 2017.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública – RAP**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, dez. 2007.

SUPERINTENDÊNCIA DE SEGUROS PRIVADOS. **Vem aí a 7ª semana ENEF**. Brasília, SUSEP, 2020. Disponível em: <https://www.meufuturoseguro.gov.br/noticias/vem-ai-a-7a-semana-enef-2013-uma-semana-de-mobilizacao-para-a-educacao-financeira>. Acesso em: 12. fev. 2021.

STEINGRABER, R.; FERNANDEZ, R G. A racionalidade limitada de Herbert Simon na Microeconomia. **Revista da SEP**, Niterói, v. 1, n. 34, p. 1-9, jan. 2013.

TRINDADE, L. *et al.* Atitude para dívida: uma análise do comportamento feminino para o endividamento. *In: SEMINÁRIOS DE ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO*, 12., São Paulo, 2010. **Anais [...]** São Paulo: USP, 2010.

UNITED STATES FINANCIAL LITERACY AND EDUCATION COMMISSION. **U. S. National Strategy for Financial Literacy 2020**. Washington: U.S. Financial Literacy and Education Commission, 2020. Disponível em: <https://home.treasury.gov/system/files/136/US-National-Strategy-Financial-Literacy-2020.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2021

VIEIRA, K. M.; MOREIRA JUNIOR, F. J.; POTRICH, A. C. G. Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 40, n. 1, p. 1-8, jan. 2019.

VITT, L.; SIEGENTHALER, J. K. **Personal finance and the rush to competence: financial literacy education in the U.S.** Washington: ISFS, 2000.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE I - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM FACILITADORES

1. **Agradecimentos, Tema da pesquisa: SEMANA ENEF, *Rapport*,**
2. **Documentos Protocolares**
3. **Apresentação do entrevistado**
4. **Por que você decidiu participar do evento SEMANA ENEF?**
5. **Como você vê a educação financeira e sua importância?**
6. **Qual o impacto da Semana ENEF para a sociedade?**
7. **Quais os pontos positivos de um evento como a Semana ENEF? E os pontos a melhorar?**
8. **O que acha do acompanhamento das iniciativas por parte da organização?**
Perguntar como eles acompanham os resultados, como foi para cadastrar uma iniciativa, se houve dificuldades.
9. **O que você acha do formato (descentralizado) do evento?**
10. **O tema “Resiliência financeira: como atravessar a crise? Foi o mais adequado para a Semana ENEF? Qual o papel do evento em um ano como 2020?**
11. **Ao ser facilitador de uma iniciativa, acha que conseguiu impactar de alguma forma a vida financeira dos participantes?**
Perguntar sobre feedbacks recebidos, se acompanhou algum participante após o evento.
12. **Se não houvesse SEMANA ENEF, você estaria levando educação financeira para as pessoas?**
9. **Agradecimentos**